



Educação museal e  
**Acessibilidade**

**Organização:**

Bianca Reis,  
Hilda Gomes e  
Ozias Soares



Educação museal e  
**Acessibilidade**

**Organização: Bianca Reis, Hilda Gomes, Ozias Soares**

**Rio de Janeiro: Fiocruz-COC, 2021**

## **FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**

Presidente: Nísia Trindade

## **CASA DE OSWALDO CRUZ**

Diretor: Paulo Roberto Elian dos Santos

## **DEPARTAMENTO MUSEU DA VIDA**

Chefe: Alessandro Batista

## **LIVRO EDUCAÇÃO MUSEAL E ACESSIBILIDADE**

Organização: Bianca Reis, Hilda Gomes, Ozias Soares

Revisão de texto: Letícia Corrêa Bitencourt Bianchi

Projeto gráfico e capa: Davi Barros

Diagramação e design: Davi Barros

Audiodescrição das imagens: Graciela Pozzobon da Costa

Consultoria da audiodescrição: Felipe Monteiro

Coordenação do projeto empregabilidade social da  
pessoa surda (Fiocruz): Luciane Ferrareto

Intérpretes de Libras: Priscila Santos Araujo, Paulo Morais

Acessibilidade digital e validação: Carolina Sacramento e  
Leonardo Oliveira

Descrição das fotografias dos autores e consultoria:  
Carolina Sacramento e Leonardo Oliveira

Versão dos resumos em áudio: Beatriz Schwenck

## Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel

E24 Educação museal e acessibilidade [recurso eletrônico] / Organizadores:  
Bianca Reis, Hilda Gomes e Ozias Soares. -- Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2021.  
1 e-book: il. fotos. color.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: <<http://museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes>>.

ISBN 978-65-87465-28-9 (e-book)

1. Acessibilidade. 2 Museus – aspectos educacionais. 3. Museus - aspectos sociais. 4. Inclusão social. 5. Popularização da ciência. I. Reis, Bianca. II. Gomes, Hilda. III. Soares, Ozias. IV. Museu da Vida. Casa de Oswaldo Cruz. V. Título.

CDD – 069.17

Catálogo na fonte: Beatriz Schwenck -CRB7/5142.

# SUMÁRIO

06

FALA INSTITUCIONAL

07

APRESENTAÇÃO

09

PREFÁCIO

12

**CAP.1 PERCURSOS DO MUSEU DA VIDA:** DAS REFLEXÕES, DEBATES E AÇÕES À ELABORAÇÃO DO PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE

23

**CAP.2 ACESSIBILIDADE COM E PARA SURDOS EM DEBATES FILOSÓFICOS** ATRAVÉS DA EXIBIÇÃO DE FILMES E PALESTRAS

34

**CAP.3 ACESSIBILIDADE PROGRAMÁTICA:** O DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE DO MUSEU

44

**CAP.4 BONDE DA HISTÓRIA “VIOLÊNCIAS HISTÓRICAS”:** UMA PROPOSTA DE VISITA ACESSÍVEL NO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

53

**CAP.5 ACESSIBILIDADE VISUAL NA PINTURA:** PEÇAS DE REPRODUÇÕES EM 3D

60


**CAP.6 MARCAS E VESTÍGIOS:** RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM MEDIAÇÕES NA OFICINA “FÓSSEIS: DO MAR À CONQUISTA DA TERRA”

71

**CAP.7 MUSEUS E INCLUSÃO** A EXPERIÊNCIA DO SISTEMA DE MUSEUS DO ESTADO DO PARÁ NAS AÇÕES DE ACESSIBILIDADE.

82

**CAP.8 O TEATRO ACESSÍVEL** COLABORANDO PARA A FORMAÇÃO DE PÚBLICOS



Esta publicação denota a relevância de promovermos ações e reflexões sobre a experiência de inclusão, por intermédio da acessibilidade, principalmente diante do atual momento histórico onde impera a exortação da maioria sobre as minorias, onde se questionam os princípios da solidariedade e da justiça social, bem como, emerge na sociedade um crescente despreço pela ciência, pela democracia e seus valores. É uma necessidade para o campo dos museus e para sociedade brasileira, as reflexões e o compartilhamento das experiências aqui contidas.

Esse processo se constrói no movimento de repensar os espaços físicos, as atividades para o público e de formação, e principalmente a cultura instalada mudando a atitude de todos que trabalham, estudam ou simplesmente passam pelo museu.

Assim, essa obra colabora para uma sociedade inclusiva. Não apenas pensando caminhos “para”, mas sim pensando caminhos “com”, respeitando as diferenças e valorizando as potencialidades de todos os seres humanos que coabitam este planeta.

O Museu da Vida deseja que todos aproveitem!

***Alessandro Machado Franco Batista***

Chefe do Museu da Vida



# Apresentação

Apresentamos a vocês, leitores da publicação “Educação Museal e Acessibilidade”, um pouco do Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência, que começou a se formar em 2016, a partir da integração de iniciativas sobre o tema que aconteciam de forma dispersa nas diferentes unidades técnico-científicas da instituição. Em 2017, o Comitê foi oficializado e reconhecido por meio da Portaria n. 714/2017 da Presidência da Fiocruz, com a seguinte missão: promover uma política de inclusão e acessibilidade na Instituição. Nesse mesmo ano, a Fiocruz reafirmou o seu compromisso pela defesa dos direitos humanos e valorização da diversidade, a partir da tese 11 do relatório final de seu VIII Congresso Interno, instância máxima de deliberação da instituição e que concretiza o seu caráter participativo.

A Política Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência foi lançada em 2019, após um processo democrático de consultas públicas interna e externa, dando voz à comunidade e a diversas organizações da sociedade civil. De forma coerente aos preceitos da própria política, ela foi disponibilizada em diversos formatos acessíveis: para navegação via teclado e/ou por leitor de tela, na Língua brasileira de sinais (Libras) e com linguagem simplificada.

Para dar conta da implementação da política, o Comitê e seu Grupo de Trabalho (GT) Ampliado reúnem-se regularmente e conta com a representação de pessoas com e sem deficiência que atuam na Fiocruz. Além disso, se organiza em subgrupos conforme os seguintes eixos temáticos: Informação e Comunicação; Trabalho; Infraestrutura; e Educação e Pesquisa. Neste último, encontram-se as ações referentes ao/à: educação formal, passando a garantia de processos seletivos adequados; elaboração de materiais didáticos; acompanhamento de estudantes com deficiência durante sua trajetória nos cursos ofertados pela Fiocruz; diretrizes para disponibilização das produções e publicações acadêmicas com acessibilidade; práticas educativas e de acessibilidade cultural, que têm como protagonista o Museu da Vida (MV).

Para nós do Comitê, a trajetória do MV na construção cotidiana de práticas mais acessíveis e inclusivas tem sido inspiração e referência na agenda institucional que temos buscado consolidar na Fiocruz. Os espaços de interlocução criados para discutir a pauta, assim

como a implementação de medidas de acessibilidade com muita reflexão e respaldo nos referenciais legais existentes no país são evidentes nas atividades educativas, exposições, peças de teatro, encontros online por redes sociais e tantas outras ações pulsantes realizadas. Do mesmo modo, o conhecimento, a capacidade articuladora e o engajamento das pessoas que representam o MV no Comitê e GT Ampliado têm contribuído consideravelmente para a formulação de políticas institucionais pelos direitos das pessoas com deficiência.

Em uma instituição centenária como a Fiocruz, o MV não se cansa em inovar e transpor barreiras para oferecer com criatividade arte e ciência. E essa inovação está também na forma que materializa a defesa pela acessibilidade, sendo incansável na busca por soluções, na revisão constante de paradigmas. E, sobretudo, no reconhecimento e valorização da diversidade que constitui o próprio quadro de trabalhadores e o grande público. Isso se torna ainda mais expressivo ao considerarmos que somos Sistema Único de Saúde (SUS) e reconhecer e valorizar as demandas da população brasileira em sua potente pluralidade vai ao encontro dos princípios da universalidade, integralidade e equidade que nos regem.

Não há garantia e promoção do direito à cultura, à educação, à comunicação, à informação, à vida sem que a acessibilidade seja considerada fundamental e transversal às diferentes iniciativas realizadas. E não há direito à saúde sem que essas expressões todas dos direitos humanos sejam asseguradas.

Nosso Comitê se orgulha de ter o MV para nos inspirar na Fiocruz, trilhando com ousadia sua caminhada para potencializar a educação, a divulgação científica e a popularização da ciência pelas expressões artísticas e ampliar os espaços e o acesso à informação, norteado pelo enfrentamento às desigualdades. E ressaltamos a importância do seu papel articulador, reunindo na presente publicação diferentes museus para se aprofundarem nas discussões sobre acessibilidade e educação museal.

Parabenizamos todas as instituições que participam desta publicação. Que ela alcance os setores da sociedade que buscam tornar acessível o patrimônio cultural brasileiro e desenvolvam ações educativas. Vida longa a todos esses agentes e que essa trajetória pela construção da acessibilidade siga fluida na consolidação de uma sociedade mais inclusiva!

**Marina Maria** (Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde ICICT/Fiocruz)

**Tatiane Nunes** (Escola Nacional de Saúde Pública/ENSP/Fiocruz)

**Integrantes do Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência**







# Prefácio

Quando recebi o convite para redigir o prefácio do livro “Educação Museal e Acessibilidade” me senti muito lisonjeada pois o tema - acessibilidade em museus - é o foco dos meus estudos, pesquisa e atuação desde o início de minha trajetória na museologia iniciada há aproximadamente 20 anos.

Assim como eu, vários outros profissionais, professores e pesquisadores mundo afora, em diferentes momentos, se dedicaram e se dedicam a discutir a acessibilidade em museus, que já pode ser considerada como uma subárea da Museologia pela qualidade e quantidade de estudos realizados até o presente momento.

O desenvolvimento da noção de igualdade por meio do acolhimento da diversidade de identidades no discurso museológico e da inclusão de novas representações e públicos são desafios de longa data nos museus.

A partir do final do século XX e início do século XXI museus em diferentes países começaram a desenvolver projetos e programas visando à inclusão social de pessoas com deficiência e novos públicos, com base nos conceitos disseminados pelos movimentos sociais militantes que defendem os direitos dessas populações.

As ações de equiparação de oportunidades nas esferas da educação, trabalho, saúde, esporte, habitação, mobilidade urbana, cultura, turismo e lazer começaram a ocorrer de fato a partir da segunda metade do século XX.

Em 1981 a ONU criou o “Ano Internacional do Deficiente”<sup>1</sup> (sic), que corroborou com a união e reivindicação de representantes dessa população de diversos países, transpondo dificuldades de comunicação e fronteiras com ações afirmativas e eventos para garantia de direitos. Esse marco foi extremamente importante para o desenvolvimento do Movimento pelos Direitos das Pessoas com Deficiência no Brasil, que tem como principais lideranças pessoas com deficiência que tiveram acesso a educação e oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional e que tem papel fundamental nas conquistas do direito a acessibilidade, inclusive no acesso aos museus e ao patrimônio e na afirmação de suas identidades e representatividade nesse universo.

---

1 Terminologia utilizada no Brasil na década de 1980, o termo utilizado atualmente é “Pessoa com Deficiência”

Segundo a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, proposta pela ONU em 2006 em seu 30º artigo, cujo protocolo facultativo foi assinado pelo Brasil em 2008:

“Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas e tomarão todas as medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência possam: a) Ter acesso a bens culturais em formatos acessíveis; b) Ter acesso a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais, em formatos acessíveis; e c) Ter acesso a locais que ofereçam serviços ou eventos culturais, tais como teatros, museus, cinemas, bibliotecas e serviços turísticos, bem como, tanto quanto possível, ter acesso a monumentos e locais de importância cultural nacional.”

Podemos afirmar que promover o acesso aos museus e instituições culturais se trata de um direito das pessoas com deficiência, que por sua militância, conquistaram a redação e decreto de uma lei - a Lei Brasileira de Inclusão de 2015 - que no capítulo nove afirma que as pessoas com qualquer tipo de deficiência física, sensorial, intelectual ou múltipla tem direito à cultura, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com os demais cidadãos, sendo-lhe garantido o acesso aos bens culturais independente do local onde os mesmos estejam salvaguardados e expostos; a monumentos e locais de importância cultural, independente de serem tombados por órgãos de patrimônio mundial, federal, estadual, municipal e outros; a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais, independente do orçamento do produtor cultural, características de estrutura do local ou meio de exibição ou restrições de qualquer natureza e ainda a espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais, independente de serem temporários, cedidos ou locados especificamente para eventos culturais.

As pessoas com deficiência, neurodiversidade, dificuldades de aprendizagem, crianças pequenas e idosos necessitam de recursos que proponham percepções por meio dos sentidos que não se limitem à visão e audição; adequações espaciais que proporcionem acesso aos indivíduos que se locomovem de maneiras diferentes e com equipamentos de mobilidade; estratégias de comunicação alternativas que privilegiem diversos níveis de cognição e outros aspectos que respeitem as diferentes disposições dos indivíduos que formam nossa sociedade diversa.

O livro “Educação Museal e Acessibilidade” organizado por Hilda Gomes, Bianca Reis e Ozias de Jesus Soares – Educadores do Museu da Vida da Fiocruz, é composto por 8 artigos que apresentam experiências empíricas de projetos de acessibilidade realizados em museus e espaços culturais brasileiros e pesquisas acadêmicas que tem esse tema como objeto de estudo.

Os textos da Casa Fiat de Cultura e o Museu de Minas e do Metal Gerda de Minas Gerais relatam os processos e características de produção de recursos de mediação multis-

sensoriais e a experiência de fruição desses recursos com público de pessoas com deficiência. Os dois textos do Museu da Vida da Fiocruz relatam a trajetória de constituição de um programa de acessibilidade para a instituição e a iniciativa de formação de público por meio da produção de um espetáculo teatral acessível realizada com um grupo interdisciplinar de profissionais ligados a área.

O relato do Museu Histórico Nacional apresenta a proposta de visita educativa acessível intitulada “Bonde da História” protagonizada por educadores com e sem deficiência do museu e a dinâmica que envolveu a proposta com o público-alvo de pessoas com deficiência visual.

O artigo do Instituto Nacional de Surdos do Rio de Janeiro apresenta um projeto de divulgação e educação científicas que tem como objetivo produzir conteúdos audiovisuais acessíveis à comunidade surda colaborando assim com sua formação e expansão de áreas de interesse e atuação.

Já o texto de Desirée Nobre Salazar apresenta sua pesquisa acadêmica de mestrado sobre Programas de Acessibilidade em Museus, uma rica contribuição para instituições culturais brasileiras que pretendem desenvolver projetos dessa natureza a luz de propostas de referência nacionais e internacionais.

O texto de Dayseane Ferraz faz um retrospecto acerca das experiências da gestão cultural no campo dos museus, com foco nas questões de acessibilidade e da inclusão, tendo por cenário as unidades museológicas gerenciadas pela Secretária de Estado de Cultura do Pará, por meio do Sistema Integrado de Museus e Memoriais

Esse número temático que apresenta experiências e reflexões no campo da Educação Museal e Acessibilidade nos propõe além de conhecer os relatos de experiências, reflexões para inspirar a criação de novos projetos e programas que levem em consideração experiências bem sucedidas e sólidas pesquisas na área.

Os museus e espaços culturais que consideram as disposições inclusivas e acessíveis, conforme são apresentadas nessa publicação, garantem benefícios não apenas aos novos públicos. Com uma linguagem ergonômica e inovadora promovem experiências de melhor qualidade a todos os visitantes que desejam acessar o patrimônio cultural com suas diferentes habilidades e inteligências, independente de suas condições físicas, sensoriais ou culturais.

**Viviane Panelli Sarraf** | Novembro de 2020

# Mini bio



**Hilda  
Gomes**

Bióloga, educadora e atual coordenadora da Seção de Formação do Serviço de Educação do Museu da Vida, Mestre em Educação (UFF). Integra o GT de Acessibilidade MV, os Comitês Fiocruz Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência e Pró-Equidade de Gênero e Raça. É docente dos cursos lato sensu, Divulgação e Popularização da Ciência/COC; Direitos Humanos, Acessibilidade e Inclusão do DHIS/ ENSP e Ciência, Arte e Cultura na Saúde/IOC.



**Bianca  
Reis**

Pedagoga, educadora do Serviço de Educação do Museu da Vida, Especialista em Direitos Humanos, Acessibilidade e Inclusão (DIHS/ ENSP/Fiocruz), Mestre em Educação (PUC/RJ). Integra o GT de Acessibilidade MV e o Comitê Fiocruz Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência e Pró-Equidade de Gênero e Raça.



**Ozias de  
Jesus Soares**

Doutor em Ciências Sociais. Pesquisador em Saúde Pública, atuando na Seção de Formação, do Serviço de Educação do Museu da Vida/Fiocruz.

# Resumo do capítulo 1

## Percursos do Museu da Vida: das reflexões, debates e ações à elaboração do Programa de Acessibilidade

Hilda Gomes, Bianca Reis e Ozias de Jesus Soares

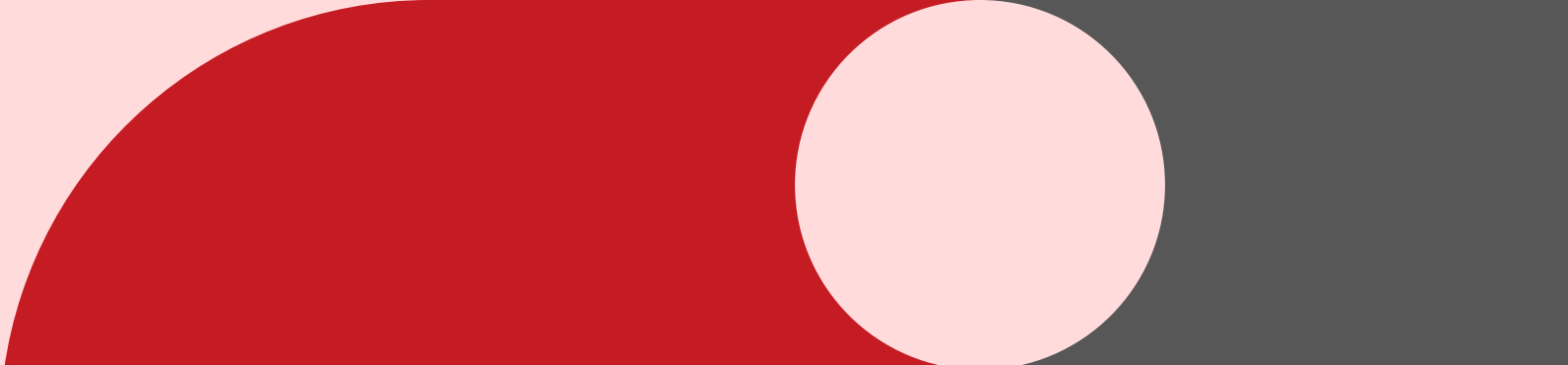
Esse texto apresenta a caminhada do Museu da Vida na implementação da acessibilidade cultural. Inicia com um breve histórico sobre a gênese dos museus apontando concepções presentes na importância da expografia, estratégias de comunicação, diversidade de perfis de público e valorização das dimensões da acessibilidade. Aponta a relevância das políticas do campo museal, do Plano Museológico e Programa de Acessibilidade. Apresenta uma linha do tempo no período de 2014 a 2020 destacando a elaboração das ações educativas acessíveis e a necessária presença e protagonismo de pessoas com deficiência integrando equipes nos museus e ambientes culturais.



Acesse a narração do resumo desse capítulo.



Aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado e visualize a tradução em LIBRAS do resumo desse capítulo



# Percursos do Museu da Vida: das reflexões, debates e ações à elaboração do Programa de Acessibilidade

Hilda Gomes, Bianca Reis e Ozias de Jesus Soares

## **Pra início de conversa... Museus, acessibilidade e legislação**

A constituição de museus abertos aos mais diversos públicos é fenômeno relativamente recente. Na gênese dos museus modernos esses espaços possuíam fundamentalmente um caráter de guarda e exibição de coleções para um público seletivo, além de funcionarem como locais para onde afluíam especialistas e pesquisadores. No Brasil, ainda que um caráter público e educativo tenha sido impresso desde o século XIX e início do século XX, o registro do número de visitantes naquele momento buscava responder à demanda da relevância do papel social que essas instituições deveriam ser portadoras. Ademais, as marcas de uma sociedade fraturada pelas desigualdades de acesso à educação, de matriz escravocrata, ainda pulsavam forte naquele período. Todavia, é preciso dizer que os públicos – especialmente, os escolares – ali estavam. No contexto europeu, a preocupação com a experiência do visitante é vista, por exemplo, na década de 1940, no Museu Nacional de Artes e Tradições Populares em Paris, cujo diretor, Georges Henri Rivière, criticava a sobrevalorização das estatísticas de público. Para ele era preciso uma expografia onde o visitante pudesse conhecer alguma coisa, tocar em objetos, recriar cenários nos quais essas coleções pudessem ter vida. Rivière lançava mão de “[...] complementos expositivos como textos explicativos adaptados a diferentes públicos, suportes gráficos e audiovisuais ou a permissão de tocar alguns dos objetos expostos” (DUARTE, 2013, p. 102). Um conjunto de outros exemplos da presença dos públicos nos museus do século XX poderia ser trazido para esta conversa, todavia, sob pena de bifurcarmos nesta seara, preferimos sugerir as leituras de Almeida

(1995), Köptcke (2005), Costa, Castro e Soares (2020).

Ora, se os públicos diversos, em especial aquele composto pelo segmento escolar, circulam nos museus há algum tempo, é preciso dizer que a existência de um conjunto de barreiras colocava obstáculos à presença de outros segmentos da população: as pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Se observarmos os museus mais antigos criados no país, notaremos que, em geral, suas coleções e exposições tomaram lugar em prédios construídos com finalidade diversa de um museu. Prédios históricos sujeitos às leis de tombamento, ao mesmo tempo em que expressam as marcas de seu tempo, podem ser reveladores do trato em relação às pessoas com deficiência e sua autonomia nos deslocamentos e fruição. Que debates podem ser trazidos para a contemporaneidade em relação às soluções arquitetônicas dos museus clássicos e as demandas da acessibilidade?

Tais demandas passam também pela dimensão arquitetônica, mas não somente por elas. Se estas podem funcionar como um termômetro da atenção que um museu, mesmo sujeito ao tombamento, dispensa aos seus públicos, as preocupações recentes residem na dimensão da inclusão, no campo dos direitos da pessoa com deficiência, na criação de produtos e exposições acessíveis e na perspectiva da formação de pessoal qualificado para o acolhimento de todos os públicos.

Prédios mais recentes que abrigam ou foram construídos para serem museus possuem, em tese, maior familiaridade com as demandas da acessibilidade arquitetônica. Rampas, elevadores, banheiros acessíveis, pisos direcionais, portas e balcões adaptados, ausência de obstáculos aéreos, vitrines e expositores com desenho universal, são elementos, dentre outros, que configuram um caminho fundamental nesta dimensão da acessibilidade. A estes importantes aspectos deve-se somar uma boa preparação de toda a equipe do museu, não apenas para conhecer, mas para saber acolher e atender as demandas específicas destes públicos.

Importante ressaltar que a partir da segunda metade do século XX uma série de medidas despontou como a materialização de um novo momento societário. A declaração universal dos direitos humanos, escrita em 1948, pode ser tomada como um marco fundamental ao considerar a dignidade inerente a todos os seres humanos. A luta antimanicomial (1987), o trabalho pioneiro de Nise da Silveira e o movimento de reforma sanitária (1970), são alguns demarcadores que se pode levar em conta ao situarmos esse novo ethos.

Todavia, queremos sublinhar, para o debate apresentado aqui, que no campo museal vemos igualmente um movimento notoriamente relevante: o crescimento vertiginoso de novos museus. Do século XIX até 1970 o país contabilizava a criação de 256 instituições; já entre os anos 1971 e 2009, foram criados 729 novos museus (Ibram, 2011, p.59). Visivelmente vemos superado, ao menos em algumas regiões do país, o desafio da criação de instituições de preservação, comunicação, educação e pesquisa dos mais diversos patrimônios e coleções. Em meio a isso, vemos despontar em anos recentes uma perspectiva no campo museal de fazer valer o artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a saber:

[...] “todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios”. (DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, 1º §, art.27)

Se é fato que um movimento gradual vem se constituindo há algumas décadas, também deve-se ter em mente que a Constituição Federal de 1988 contribuiu para que um conjunto jurídico-normativo tomasse corpo desde então. Já em 1991 foi criada a Lei de Cotas (Lei 8213/91), disciplinando a contratação de pessoas com deficiência nas empresas (reserva legal de cargos). Em 2000, foi a vez da Lei Nº 10.098, de Dezembro de 2000, chamada de Lei da Acessibilidade. No ano de 2008, o Brasil assina o decreto legislativo 186/2008, ratificando a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Em 2015 foi a vez da criação do Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei Nº 13.146, com o objetivo de: “[...] assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.” (ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, art. 1, p.08).

No campo dos museus, mais recentemente, é criada a Política Nacional de Educação Museal na qual a diretriz III, do Eixo III (Museus e Sociedade), estabelece que as instituições deverão: “[...] promover a acessibilidade plena ao museu, incentivando a formação inicial e continuada dos educadores museais para o desenvolvimento de programas, projetos e ações educativas acessíveis”. (Ibram, 2018, p. 130)

A esses ganhos normativos somam-se a crescente produção acadêmica sobre o tema da acessibilidade em espaços culturais. Embora não seja finalidade deste capítulo apresentar um levantamento exaustivo, convém destacar que nas duas últimas décadas, importantes trabalhos vêm sendo desenvolvidos enquanto plataformas de reflexões e práticas no campo dos museus de diferentes tipologias. Vale dizer que um conjunto de estudos tem se dedicado a pensar o que é um museu acessível, nos seus aspectos conceituais e práticos (Vlachou; Alves, 2007), bem como as discussões que conjugam inclusão e acessibilidade (Sarraf, 2008; 2019; Aidar, 2019). Neste sentido, são visíveis as iniciativas de promoção de discussões sobre o desenvolvimento de ações de acessibilidade para pessoas com deficiência e novos públicos em espaços culturais, incluindo os museus e centros de divulgação científica. Alguns autores têm se debruçado sobre o tema da participação das pessoas com deficiência nos museus, de modo a estimular o protagonismo desse público. Na perspectiva da inclusão e desenvolvimento de públicos, a atenção também se volta para os idosos, crianças pequenas, trabalhadores e povos originários no Brasil. (Sarraf, 2019; Aidar, 2019).

Outro grupo de estudos tem buscado apresentar as várias experiências sobre acessibilidade que ocorrem em diferentes museus e como elas podem servir de inspiração para outros espaços (Marchezi, 2012; Bigate, Lima, Ferreira e Braz, 2017). Neste grupo inclui-se o trabalho de Molenzani e Rocha (2017) ao apresentarem resultados da pesquisa que teve como objetivo principal identificar quais museus de ciências da cidade de São Paulo oferecem



recursos para que as pessoas com deficiência possam visitar e participar de suas exposições.

A academia também tem demonstrado atenção a este debate, como comprovam os trabalhos de Cohen e Duarte (2010) ao relatarem resultados de uma investigação sobre acessibilidade em museus inserido nas atividades de pesquisa desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa, Ensino e Projeto em Acessibilidade e Desenho Universal (Núcleo Pró-Acesso / PROARQ/UFRJ). Na mesma direção, Chalhub e Gomes (2018) apresentam a discussão sobre a percepção dos principais recursos acessíveis em museus por estudantes surdos do curso de Pedagogia.

A lista de estudos se amplificaria se trouxéssemos outros conjuntos de textos que trazem à tona a discussão sobre as tecnologias tridimensionais, bem como documentos importantes que tratam de protocolos para a criação de produtos educacionais para pessoas com deficiência. Essas novas tecnologias e produtos têm contribuído muito para a pesquisa e produção de artefatos e serviços de modo que este segmento do público possa conhecer e fruir livremente as exposições e os museus.

Um rápido olhar para a literatura torna possível identificar uma diversidade de temas e subtemas, passando desde o conceito ampliado de acessibilidade até às políticas de inclusão cultural. Outro leque de estudos mostra a emergência dos recursos de tecnologias assistivas e as dimensões da acessibilidade (Sasaki, 2009). Esse breve conjunto de autores citados aponta para proposições importantes para reflexão dessa temática em diferentes tipologias de museus.

## Os itinerários do percurso

No Museu da Vida (MV) iniciamos nossa caminhada no campo da acessibilidade a partir de um convite da Prof.<sup>a</sup> Vivian Rumjanek (Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ), em 2014. Naquela oportunidade, ela nos trouxe o desafio de participar de seu projeto “Quebrando barreiras culturais: a ciência e o surdo”. A proposta contemplava a formação de mediadores surdos que atuassem em museus de ciência e pudessem interagir com o público. Até aquele momento não tínhamos um espaço específico para reflexões e construção de conhecimento sobre estudos de recepção de público de pessoas com deficiência, além de possíveis desdobramentos como a elaboração de atividades ou roteiros que oportunizassem experiências de fruição cultural para visitantes surdos, cegos, com baixa visão ou com deficiência intelectual. Desse modo, nossa primeira decisão foi a criação de um grupo de trabalho (GT acessibilidade), reconhecendo que era necessária a existência de um espaço real e temporal de dedicação constante e planejada. Estes primeiros passos possibilitaram a abertura de uma nova frente de trabalho muito significativa para o MV. A participação nesse projeto representou uma riqueza de práticas pedagógicas e de comunicação, além disso, a interação com os bolsistas surdos oportunizou o estabelecimento de novas relações educativas, sociais e culturais.

Para organizar o novo percurso, definimos um ponto de partida para enfrentar essa

aventura epistemológica e que, com certeza, nos traria descobertas, incertezas, conhecimento, medo, escolhas, coragem, amadurecimento e emoção. A partir da avaliação que fizemos sobre os resultados obtidos nesse projeto, traçamos alguns itinerários e na primeira parada fomos à busca de ações educativas já consolidadas no MV e que poderiam ser revisitadas e ressignificadas numa abordagem mais inclusiva e acessível. Para fortalecer nossos passos abraçamos o lema “Nada sobre nós sem nós”, que funciona como um guia para a consolidação de um museu como local de transformação social. Concordando com Nohara e Rodrigues (2018), dentro deste contexto, a valorização da diversidade e do pluralismo propiciam o exercício da cidadania cultural, enquanto expressão dos direitos culturais. Esses autores também apontam para a perspectiva inclusiva que fortalece a riqueza de multiplicidades com a visibilidade de outras performances de grupos que compõem a sociedade. Compreender a acessibilidade como um processo transversal trouxe uma mudança de paradigma muito importante na organização dos processos de trabalho do MV com efeitos nas dimensões atitudinais, educativas, políticas e administrativas.

O planejamento estratégico passou a estabelecer novos critérios que envolvessem, por exemplo, a concepção de exposições com narrativas, aparatos e expografia acessíveis, contratação de consultoria especializada realizada por profissionais com deficiência, implementação de recursos de tecnologias assistivas nas produções audiovisuais, troca de experiências com educadores de outros museus, oferta de Curso de Libras para as equipes, estágios realizados por estudantes com deficiência, eventos presenciais e virtuais sempre com a presença de intérpretes de Libras, articulação com o Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência e a oportunidade de submissão em editais com captação de recursos externos que viabilizariam o desenvolvimento de diversas propostas. Em face disto, fazemos coro com Sarraf (2019) ao ressaltar que não se trata apenas de desenvolver projetos que atendam pessoas com deficiência para cumprir a legislação vigente e sim de tornar orgânica a função social e educativa presente na missão das instituições museais. A missão se concretiza quando efetivamente conseguimos acolher e atender aos diversos perfis de público com oferta variada de experiências multissensoriais inclusivas e acessíveis.

A partir de 2014, O GT se dedicou a participar de eventos acadêmico-científicos internos e interinstitucionais realizados com o objetivo de construir conhecimentos e reunir conteúdos que pudessem ser utilizados nas futuras ações educativas. Esse período trouxe mais momentos de reflexão que se materializaram em relatos de experiência qualificando a produção acadêmica. Indo ao encontro das dimensões da acessibilidade (Sassaki, 2009), o GT priorizou o aspecto atitudinal como o mais importante para a formação da equipe, que, num estágio inicial, teve como foco a equipe do Serviço de Educação composta por educadores e estudantes de nível superior das várias áreas do conhecimento. Os estudantes são bolsistas e fazem parte do Programa de Iniciação a Divulgação e Popularização da Ciência (PROPOP) atuando no apoio à recepção do público visitante e na mediação. Em uma dessas



experiências de formação, aproveitamos o ensejo de uma exposição temporária (Cidade Acessível) em cartaz no ano de 2018 convidamos às diversas equipes do Museu para conhecimento e aprofundamento no tema (FIGURA 1). Na mesma direção, propomos visitas técnicas a museus paulistas com trabalho já reconhecido na área, formulação de proposições específicas para as exposições temporárias e atividades teatrais (FIGURA 2).



Fig. 1. Sensibilização em Acessibilidade atitudinal para a equipe de do Museu da Vida. Participação de Viviane Sarraf e de profissionais da Educação, Design, Apoio a Gestão, Serviços Gerais e Portaria. Foto: Alex Arruda, 2019.

**Descrição da imagem:** Espaço no Salão de Exposições temporárias do Museu da Vida. Paredes na cor laranja. No alto, painéis na cor branca e laranja, pendurados com imagens de setas, claquete, aspas, palavras e pequenos textos. Um grupo numeroso de homens e mulheres posam para a foto. Deste grupo três estão em cadeiras de rodas e uma abaixada ao lado de uma delas. O resto do grupo está em pé e atrás. Todos sorriem. No chão tem piso podotátil.



Fig.2. Estréia do espetáculo “O Problemão da Banda Infinita” em sessão no Teatro Dulcina/RJ.

**Descrição da imagem:** Fotografia de um grupo de 10 pessoas que posam sorridentes para a foto. Estão de pé com a exceção de um rapaz sentado em uma cadeira de rodas. Ele segura um tambor. Há também uma pessoa usando um figurino branco e preto cobrindo todo o corpo e na cabeça uma máscara em formato quadrado. Do lado direito da foto uma

grande estrutura metálica com 2 ferros na horizontal e um na vertical e ao fundo um círculo grande na cor roxa. Esta estrutura possui piso de madeira. Estão em frente a um cenário teatral com cortinas ao fundo.

Paralelamente começamos a elaborar várias estratégias para colocar em prática nosso repertório e inaugurar as ações educativas acessíveis do MV<sup>1</sup>. A relação abaixo representa uma síntese das ações recentes no campo da acessibilidade no Museu:

1. Em 2017, passa a vigorar o protocolo para agendamento de público de pessoas com deficiência. Esta prática é acompanhada por contato mais orgânico com os responsáveis pelas instituições e construção coletiva da visita de acordo com as especificidades do grupo e deficiências.
2. Aumento de visita de público de pessoas com deficiência no MV. Em 2017 recebemos 250 pessoas, em 2018, 398 pessoas e em 2019, 683 pessoas.
3. No ano de 2018, a esquete “Conferência Sinistra” passa a fazer parte da grade de atividades permanentes, na versão acessível, com a participação de intérpretes de Libras.
4. Ingresso de integrantes do GT em cursos de pós-graduação lato sensu para qualificação acadêmica na área.
5. Implementação do Programa Institucional de Desenvolvimento e Inovação /PIDI, com bolsista para apoiar as ações de acessibilidade.
6. Exposições temporárias, com recursos de tecnologia assistiva, desenvolvidas por instituições parceiras ficam em cartaz no MV – “Saudavelmente” e “Cidade Acessível”.
7. Exposições temporárias, com recursos de tecnologia assistiva, desenvolvidas pela equipe MV - “Insetos Ilustrados”, “Castelo de Inspirações”, e “Rios em Movimento”.
8. Implantação de piso podotátil e instalação de plataforma elevatória no prédio sede do MV.
9. O espetáculo teatral “O Problemão da Banda Infinita” fica em cartaz no segundo semestre de 2019 com intérpretes de Libras e audiodescrição.
10. Contratação de bolsistas surdas, dentro do convênio com o Projeto Jovem Aprendiz, para atuar em ações educativas e administrativas (2019-2020).
11. I Fórum Interno de Acessibilidade no Museu da Vida envolvendo todos os setores e áreas de visitação (fev.2020).

O percurso trilhado até aqui apontou a disposição, empenho e compromisso da equipe tanto do ponto de vista da formação, quanto das estratégias e ações para levar a cabo as demandas da acessibilidade no Museu da Vida. Este acúmulo se constitui num verdadeiro portfólio de soluções para que novos caminhos aconteçam de forma refletida, sistemática e engajada.

---

1 Para mais informações e detalhamento das atividades com relação aos objetivos e período em que ficaram em cartaz, acessar: [www.museudavida.fiocruz.br](http://www.museudavida.fiocruz.br).

A realização do I Fórum de Acessibilidade do Museu da Vida, em fevereiro de 2020, se coloca como um balizador para a escrita do Programa de Acessibilidade. Neste evento, foi realizada uma imersão em acessibilidade, com palestras, oficinas e levantamento de ideias com as diversas equipes do Museu. A finalidade foi a escuta e o diálogo, bem como o levantamento de percepções sobre acessibilidade presentes neste espaço de ciência e cultura. O relatório com as contribuições deste fórum, bem como os demais documentos, textos e conhecimentos trazidos pelas equipes emoldurarão novas práticas a partir deste marco.

Nessa jornada continuamos definindo as rotas e estabelecendo novos percursos. Com o lançamento do Plano Museológico em 2017, firmamos estruturas para elaborar e implementar o Programa de Acessibilidade do MV que pretende consolidar nosso trabalho estabelecendo diretrizes que apontam para uma nova estrada que se quer livre de barreiras, pedágios e obstáculos.

## Referências Bibliográficas

AIDAR, Gabriela. Acessibilidade em museus: ideias e práticas em construção. **Revista Docência e Cibercultura**. V.3. n.2. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/39810>. Acesso em: 16/10/2020.

ALMEIDA, Adriana Mortara. Estudos de Público: a avaliação de exposição como instrumento para compreender um processo de comunicação. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 5, p. 325-334, dec. 1995.

BIGATE, Thaís Ferreira; LIMA, Neuza Rejane Wille; FERREIRA, Renato Martins Redovalio; BRAZ, Ruth Maria Mariani. Museu do Amanhã: recursos de acessibilidade para deficientes visuais. **Revista Aleph**, nº 29, Sociedade e a educação contrapelo: movimentos de resistência ao mal-estar contemporâneo. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39237>. Acesso em: 19/10/2020.

CHALHUB, Tania; GOMES, Marisa. Museus como atividade educativa: o que pensam os alunos surdos sobre acessibilidade? **XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**. 2018. Disponível em: [http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX\\_ENANCIB/xixenancib/paper/viewPaper/1172](http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/viewPaper/1172). Acesso em: 16/10/2020.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose; BRASILEIRO, Alice. O acesso para todos à cultura e aos museus do Rio de Janeiro. **Anais do I Seminário de Investigação em Museologia nos países de Língua Portuguesa e Espanhola**. v.2. p 236-275. 2010. Disponível em: [http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190205113220\\_acesso\\_para\\_todos\\_cr\\_cultura\\_e\\_aos\\_museus\\_do\\_rio\\_de\\_janeiro\\_-\\_regina\\_cohen.pdf](http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190205113220_acesso_para_todos_cr_cultura_e_aos_museus_do_rio_de_janeiro_-_regina_cohen.pdf). Acesso em: 16/10/2020.

COSTA, Andréa Fernandes; CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias de Jesus. Por uma História da Educação Museal no Brasil. In: Castro, Fernanda; Soares, Ozias de Jesus; Costa, Andréa (organizadores). **Educação museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda Inovadora. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013

ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. **Capítulo 1 – Disposições Gerais**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2015. 65 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. 132p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Museus em números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Bárbaros, escravos e civilizados: o público dos museus no Brasil, In: Chagas, M., S., (org.) *Museus: antropofagia da memória e do patrimônio - Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 31, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, 2005. pp. 184-205.

MARCHEZI, Fabiana. **Acessibilidade em museus de arte**: questões para a elaboração de audioguias. 2012. 199 f. Dissertação. Mestrado em Educação, Arte e História. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1847>. Acesso em: 19/10/2020.

MOLENZANI, Aline Oliveira; ROCHA, Jessica Norberto. Acessibilidade nos museus e centros de ciências da cidade de São Paulo. **Revista do EDICC**. v.3. n.3. 2017. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/5219>. Acesso em: 16/10/2020

NOHARA, Irene Patrícia; RODRIGUES, Daniel Scheiblich. Cidadania cultural no cenário contemporâneo: promoção das políticas culturais e constitucionalismo latino-americano. **Interesse Público**, Belo Horizonte, ano 20, n. 108, p. 57-79, mar./abr. 2018.

SARRAF, Viviane Panelli. **Os Museus precisam mais das pessoas do que as pessoas dos museus** – Acessibilidade para quem? Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2019/6516-os-museus-precisam-mais-das-pessoas-do-que-as-pessoas-dos-museus-acessibilidade-para-quem.html>> Acesso em: 16 out. 2020.

SARRAF, Viviane Panelli. **Reabilitação do Museu**: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade. 2008. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de São Paulo. 2008. Disponível em: [http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190204151118\\_reabilitac%C2%A7c%C2%A3o\\_do\\_museu\\_%C3%A2ae\\_polc%C2%ADticas\\_de\\_inclusc%C2%A3o\\_cultural\\_por\\_meio\\_da\\_acessibilidade\\_%C3%A2ae\\_dissertac%C2%A7c%C2%A3o\\_de\\_mestrado\\_de\\_viviane\\_panelli\\_sarraf.pdf](http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190204151118_reabilitac%C2%A7c%C2%A3o_do_museu_%C3%A2ae_polc%C2%ADticas_de_inclusc%C2%A3o_cultural_por_meio_da_acessibilidade_%C3%A2ae_dissertac%C2%A7c%C2%A3o_de_mestrado_de_viviane_panelli_sarraf.pdf). Acesso em: 19/10/2020.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação** (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

VLACHOU, Maria; ALVES, Fátima. Acessibilidade nos Museus. IN **Coleção PÚBLICOS** Nº 2. Serviços Educativos na Cultura. Coordenação: BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da. 2007. Disponível em: [https://portefolioseminarionr.webnode.pt/\\_files/200000091-8262a8362b/Colecao%20Publicos%20-%20Servicos%20Educativos.pdf#page=98](https://portefolioseminarionr.webnode.pt/_files/200000091-8262a8362b/Colecao%20Publicos%20-%20Servicos%20Educativos.pdf#page=98). Acesso em: 16/10/2020.



# Mini bio



**Stella  
Savelli**

Programadora Visual na UFRJ, onde desenvolveu projetos de acessibilização científico/cultural para surdos em exposições realizadas na Casa da Ciência e no Museu Nacional. Professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos, atual coordenadora da Galeria de Arte, Ciência e Tecnologia do INES.



**Gabriel  
Savelli**

Mestre em Sociologia e Antropologia pela UFRJ e Técnico em Laboratório na mesma instituição. É pesquisador integrante do projeto “Acessibilidade com e para surdos em debates filosóficos através da exibição de filmes e palestras”.

## Resumo do capítulo 2

### Acessibilidade com e para surdos em debates filosóficos através da exibição de filmes e palestras

Stella Savelli e Gabriel Savelli

Este artigo visa apresentar a experiência do projeto “Acessibilidade com e para surdos em debates filosóficos através da exibição de filmes e palestras”, do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Este projeto nasceu a partir de uma questão latente e recorrente, a dificuldade de acesso da comunidade surda aos conteúdos científico e culturais produzidos por diferentes setores da sociedade. Apresenta, também, uma proposta de roteiro educativo que tem como base o conteúdo produzido por este projeto. Desejamos que essa experiência possa contribuir para que novas propostas de divulgação científico-culturais acessíveis surjam cada vez mais, garantindo oportunidades igualitárias para todos.

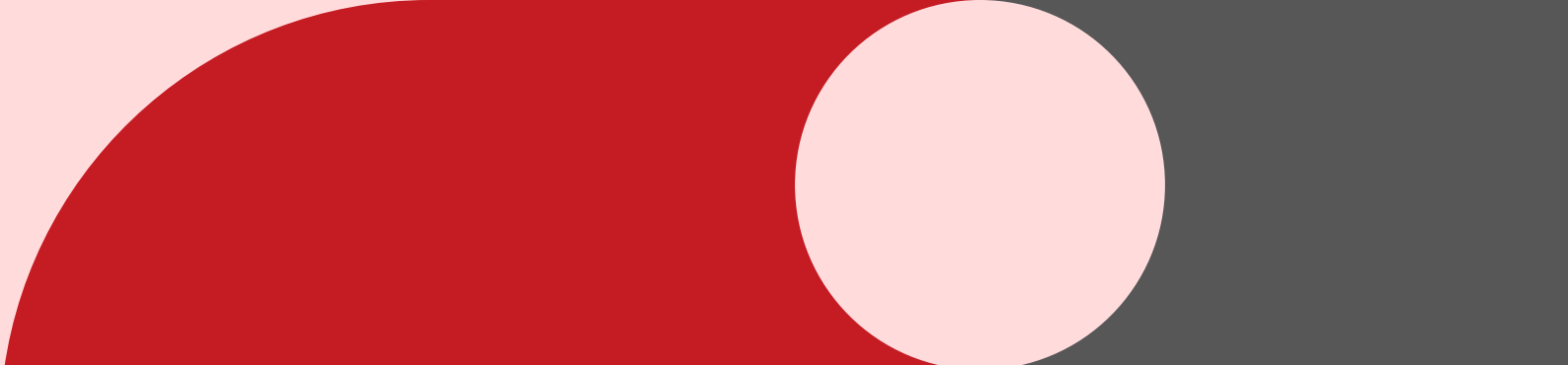


Acesse a narração do resumo desse capítulo.



Aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado e visualize a tradução em LIBRAS do resumo desse capítulo





# Acessibilidade com e para surdos em debates filosóficos através da exibição de filmes e palestras

Stella Savelli e Gabriel Savelli

## Introdução

Este artigo visa apresentar a experiência ainda em curso do projeto “Acessibilidade com e para surdos em debates filosóficos através da exibição de filmes e palestras”, coordenado pela Profa. Stella Savelli, do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Além disso, pretende-se também apresentar uma proposta de roteiro educativo que tem como base o conteúdo produzido pelo projeto.

A partir de uma questão latente e recorrente, a dificuldade de acesso da comunidade surda aos conteúdos científico/culturais produzidos por diferentes setores da sociedade, nasceu o projeto “Acessibilidade com e para surdos em debates filosóficos através da exibição de filmes e palestras”. O projeto foi proposto a um grupo de profissionais/pesquisadores do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e de fora do Instituto, que compartilhava a ideia de tornar acessível à comunidade surda as palestras ministradas no projeto Cineclubes Ciência em Foco, disponibilizadas em formato de podcast (arquivo digital de áudio).

O grupo do projeto entende que o INES, como Instituição de Referência em Educação de Surdos, entre outras competências, deve incentivar e ampliar diferentes formas de pensar, estimulando reflexões que despertem nos alunos e profissionais a capacidade de apreciar um filme sob um olhar crítico e enriquecedor para o desenvolvimento e a construção de sua cidadania e identidade. Importante ressaltar que a proposta deste projeto não se limita ao desenvolvimento de uma ferramenta didático-pedagógica com conteúdos traduzidos para LIBRAS, consiste também em oportunizar aos indivíduos surdos novas práticas reflexivas, bem como estimular a capacidade criativa para intervir na realidade através do exercício do pensamento, questionando e rompendo com aparentes certezas.

O objetivo do projeto é desenvolver um material audiovisual acessível às pessoas surdas a partir do áudio de palestras que foram ministradas por pesquisadores(as) e profissionais de diferentes áreas do conhecimento convidados pelo projeto Cineclube Ciência em Foco. As palestras tinham como referência os filmes exibidos nas sessões do Cineclube. Além da qualidade dos conteúdos expostos, as palestras são um estimulante convite ao pensamento. Na interseção entre arte e ciência, a prática reflexiva com o cinema é um interessante exercício para a formação intelectual de todas as pessoas. É com essa perspectiva que a equipe do presente projeto reconhece a importância de ampliar a acessibilidade desses conteúdos à comunidade surda através da produção de um material audiovisual que contemple não apenas a tradução em LIBRAS, mas que seja também visualmente interessante, através de recursos imagéticos, articulando áudio e vídeo de maneira informativa e criativa simultaneamente.

Importante ressaltar que o conteúdo produzido por este projeto não é exclusivamente voltado para pessoas surdas. A proposta da equipe é tornar um conteúdo restrito, originalmente, ao formato em áudio, acessível a outras linguagens e à LIBRAS, ampliando assim as possibilidades de experiência do mesmo. Desse modo, não se trata de desenvolver um conteúdo para surdos, ou para ouvintes, pretende-se, ao contrário, evitar reforçar a oposição entre pares categóricos - ouvinte/surdo - (Tilly, 1998).<sup>1</sup> Ao mesmo tempo, o projeto reconhece a enorme desigualdade no acesso à informação no Brasil, desigualdade que passa por questões sociais, econômicas, políticas, culturais e linguísticas que impõem diversas barreiras, tanto maiores quanto mais desfavorecido for o grupo social. Desse modo, as dificuldades enfrentadas na popularização e divulgação do conhecimento científico reforçam a necessidade de iniciativas nessa direção, não só com o intuito de informar, mas também de formar os indivíduos, ou seja, como parte de um processo de educação científica (Albagli, 1996). Este projeto parte do pressuposto de que a divulgação e a educação científicas são ferramentas fundamentais para a formação de cidadãos críticos, criativos e participativos na construção do conhecimento e da cidadania.

## Antecedentes: o Cineclube Ciência em Foco

A origem deste projeto remonta ao período em que a Profa. Stella Savelli foi convidada a trabalhar na Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Casa da Ciência é um espaço cultural que tem como princípio fomentar a divulgação científica através de diferentes linguagens como exposições, teatro, cinema, palestras, shows, etc. O convite

---

1 Tilly analisa a desigualdade sob o ponto de vista da interação e organização sociais enfatizando a relação dispar entre pares categóricos (ex. preto/branco; judeu/muçulmano; homem/mulher). As desigualdades categóricas são reforçadas e perpetuadas por seu significado social em um determinado padrão organizacional. Transformar a relação entre pares categóricos de modo a reduzir a desigualdade passa pelo acesso a recursos socialmente valiosos, como por exemplo, o conhecimento.



para trabalhar na Casa aconteceu pelo fato de que as atividades oferecidas aos visitantes não oportunizavam acessibilidade à comunidade surda. Diversas barreiras são enfrentadas pelas pessoas com deficiência, para a pessoa surda a barreira linguística é uma das principais. Além disso, por não possuir um estigma aparente, ela sofre muitas vezes com a invisibilidade e a indiferença, que a distanciam da interação social mais ampla, perdendo, assim, grandes oportunidades de usufruir e participar de eventos científicos/culturais.

Entre as atividades da Casa, havia o Cineclube Ciência em Foco, um espaço onde o debate sobre ciência, tecnologia, inovação e cultura acontecia a partir da exibição de filmes. Como afirma Gabriel Cid de Garcia, coordenador do projeto, “o cineclube e ciclo de conferências ‘Ciência em Foco’ firmou-se como uma atividade que privilegia a relação entre cinema e pensamento, introduzindo abordagens críticas e problematizadoras no contexto da divulgação científica, abrindo espaço para as artes, a filosofia e as ciências humanas” (Garcia, 2013). O projeto consiste na exibição de filmes seguida de palestras e debates proporcionados por pesquisadores e profissionais convidados. O Cineclube Ciência em foco teve origem em 2004 como uma iniciativa da Coordenação de Educação em Ciências, do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCT), onde funcionou até 2006. Entre os anos de 2009 e 2016, o projeto foi realizado na Casa da Ciência da UFRJ. Atualmente, o cineclube acontece na Faculdade de Educação da UFRJ junto ao Setor de Cultura, Comunicação e Divulgação Científica e Cultural (SECULT), sob o nome de Cineclube Pedagogias da Imagem, ainda encabeçado pelo próprio Gabriel Cid.

No período em que o Cineclube Ciência em Foco aconteceu na Casa da Ciência, foi possível uma valiosa parceria com a Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do RJ (APILRJ), a qual disponibilizou intérpretes para que as palestras pudessem ser acessíveis ao público surdo. Contudo, pôde-se observar que mesmo com intérpretes de LIBRAS e com a divulgação no próprio Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) a frequência de surdos era muito pequena. É importante notar que “acessibilidade” é um conceito muito mais abrangente e que ter intérpretes de LIBRAS pode não ser suficiente para que o objetivo desejado seja atingido. Este conceito vem sendo debatido cada vez mais por diversos profissionais e instituições com o protagonismo dos próprios indivíduos com deficiência em suas especificidades. Apesar da conquista de direitos, fruto de uma luta permanente, percebe-se que é necessário ainda muito trabalho para que a acessibilidade seja compreendida em toda sua complexidade conceitual e aplicada no mundo prático.

Ainda na Casa da Ciência, as palestras que aconteciam após a exibição do filme eram registradas em vídeo e editadas para serem disponibilizadas no blog do Cineclube.<sup>2</sup>No entanto, por questões de direitos de imagem e também de limitações técnicas, pois havia somente uma câmera para fazer as gravações, as filmagens não contemplaram a tradução em

---

2 <http://cineclubecienciaemfoco.blogspot.com/>

LIBRAS. Embora o evento fosse filmado, poucas palestras foram editadas e disponibilizadas, contudo, todas as palestras estão disponíveis em formato podcast no blog do evento. Em sintonia com o projeto do Cineclube, sentiu-se a necessidade de tornar esse material acessível à comunidade surda, não só pela qualidade do conteúdo e dos palestrantes convidados, mas também pelo convite à criatividade e ao pensamento a partir e com o cinema. Apoiado em discursos variados, o material produzido pelo Cineclube proporciona um modelo de divulgação e educação científicas para além das tradicionais “verdades científicas”. As palestras realizadas no âmbito do Ciência em Foco oferecem um diálogo aberto que favorecem o pensamento crítico, podendo, assim, inspirar professoras e professores a trabalharem diferentes temas e abordagens com seus alunos.

## Os primeiros passos e o desenvolvimento do projeto

Inicialmente, a equipe se reuniu para decidir qual filme/palestra, dentre as opções disponíveis no blog, seria o piloto do projeto. O filme selecionado foi o do diretor Laurent Cantet, “Entre os muros da escola”, de 2008. A escolha do filme não foi por acaso, o filme de Cantet se passa em uma escola da periferia de Paris e traz as questões e inquietações da relação entre alunos e professores. Um professor de língua francesa e uma turma de alunos “problemáticos” compõem a trama do filme que é permeada por tensões étnicas, sociais, culturais e linguísticas. Muitas das questões apresentadas no filme estão presentes também nas escolas brasileiras, sobretudo nas escolas públicas. Para ratificar a escolha da equipe, a palestra ocorrida após a exibição do filme no cineclube foi proferida pelo Prof. Walter Kohan, Doutor em filosofia e professor da UERJ, sob o título: “Aprender e ensinar, exercícios de estrangeiridade”. Tema bastante pertinente, principalmente quando se considera que há uma dimensão de estrangeiridade na relação entre ensino e aprendizagem do indivíduo surdo na medida em que a língua portuguesa é sua segunda língua.

Com a definição do filme, a equipe seguiu para a etapa de exibição e reflexão sobre as questões abordadas no mesmo. Esse momento foi muito enriquecedor, pois cada um do grupo levantou diferentes pontos sobre o mesmo tema, fato que corrobora com o projeto, pois, como dito anteriormente, o objetivo é fomentar, com o filme, diferentes reflexões e olhares sobre um determinado objeto, no caso específico do projeto piloto, a Educação. Em paralelo à esta etapa, o intérprete de Libras que já havia trabalhado em outros projetos na Casa da Ciência, foi contratado para traduzir o áudio da palestra do professor Kohan para LIBRAS, enquanto a equipe fez o trabalho de transcrição desse mesmo áudio. Após a finalização da tradução para LIBRAS e da transcrição, a equipe leu e assistiu a palestra traduzida com a Profa. Vanessa Pinheiro, professora surda do INES e integrante do projeto, foi então que se reiniciou a discussão a partir dos assuntos abordados por Kohan. Nesse momento várias ideias surgiram no sentido de incrementar o projeto final com intervenções visuais e ilustrativas para uma compreensão mais ampla do conteúdo pela comunidade surda.



Após extensa discussão e muitas idas e vindas entre a transcrição e a tradução em LIBRAS, a equipe iniciou as gravações, sendo a Profa. Vanessa Pinheiro a protagonista do vídeo. Importante destacar que esse projeto se baseia na construção de um conteúdo audiovisual elaborado por uma equipe de professores ouvintes e uma professora surda, que é a figura chave no entendimento e na difusão do projeto para a comunidade surda. Todo o tratamento dado a palestra audível tem como objetivo final a tradução e gravação da mesma por uma profissional surda. Nesse sentido, o projeto leva em consideração a importante contribuição que a pessoa surda, que tem a LIBRAS como sua primeira língua, traz para a tradução final do conteúdo. Além disso, outro ponto consensual entre a equipe é a representatividade da participação de uma pessoa surda no projeto e o impacto dessa participação para a própria identidade e subjetividade dessa comunidade, ou seja, a relevância em termos práticos e simbólicos de se produzir um conteúdo com e para pessoas surdas.

As gravações foram iniciadas no estúdio do INES e divididas em partes devido ao tamanho e a complexidade do conteúdo da palestra. Uma das dificuldades é o fato de a LIBRAS ser relativamente recente e ainda carecer de sinais, principalmente de sinais científicos, o que aponta a importância de se contextualizar as informações para um melhor entendimento do que está sendo abordado. Em muitos casos, mesmo que já tenha sido criado um determinado sinal para algum termo específico, este pode não ser amplamente conhecido pela comunidade surda. Toda possibilidade de acessibilizar a divulgação científica é de suma importância para que o público seja estimulado cada vez mais a se aproximar de determinados assuntos que, a princípio, parecem incompreensíveis. Atualmente vemos os museus de ciências, no Brasil e no mundo, cada vez mais se apropriando dessa estratégia de desmistificação de determinados conceitos, tornando-os mais próximos da sociedade e, conseqüentemente, atraindo mais visitantes.

Dando sequência ao projeto, após a finalização do primeiro vídeo gravado pela Prof.<sup>a</sup> Vanessa, a mesma manifestou, junto à equipe, uma insatisfação com o resultado, fato que fez com que o processo de tradução fosse repensado. Acreditava-se que a partir da gravação da Prof.<sup>a</sup> Vanessa, baseada na gravação feita pelo intérprete ouvinte, seria possível obter um resultado fiel ao conteúdo da palestra, mas o resultado ficou aquém da expectativa. A tradução não propiciou a autenticidade esperada ao conteúdo, entendida no sentido de se produzir uma tradução pertinente que se aproxime o máximo possível de uma narrativa originalmente em LIBRAS. Dessa forma, ficou claro que a tradução da palestra em LIBRAS por um intérprete ouvinte foi necessária para que o conteúdo fosse trabalhado, no entanto para a gravação do material final, feito por uma pessoa surda, ela não era suficiente. Esse é um ponto de destaque em todo o processo do projeto. A gravação foi refeita, porém dessa vez além de serem consideradas a transcrição da palestra e a tradução do intérprete, a própria Profa. Vanessa traduziu o conteúdo utilizando o sistema de glosa. Wilcox, S. e Wilcox, P. P. (2005) definem glosa como “(...) traduções simplificadas de morfemas da língua sinali-

zada para morfemas de uma língua oral”.

Com o material refeito pela Prof.<sup>a</sup> Vanessa, a equipe se reuniu e a partir da comparação entre as duas gravações concluiu-se que o resultado desta última havia sido superior. Dessa forma, ficou acordado que o trabalho seguiria por essa metodologia, mais lenta, porém com resultados mais satisfatórios. No intuito de dar continuidade ao projeto, uma nova parte da palestra seria gravada pela Prof.<sup>a</sup> Vanessa, no entanto, por diversos motivos, incluindo a pandemia do novo Coronavírus, o projeto teve seu cronograma atrasado. Como consequência desse atraso, até mesmo a parte que já havia sido gravada precisará ser refeita, tendo em vista a problemática da continuidade visual nas gravações em LIBRAS. Essa é uma preocupação pertinente na elaboração de conteúdos em língua de sinais na medida em que o produto final deve apresentar uma unidade visual do(a) intérprete ao longo da narrativa.<sup>3</sup>

## Próximos passos

Apesar dos contratemplos, o projeto segue ativo e uma etapa importante que ocorre em paralelo às gravações é a construção estética e conceitual do material audiovisual. Entre as questões debatidas pela equipe está a escolha dos recursos imagéticos, que precisam levar em conta as dimensões didática, ilustrativa e estética sempre em interlocução com o conteúdo da palestra escolhida e o público alvo. Outro ponto fundamental, ainda sobre o material audiovisual, é a elaboração da arte e do tema dos vídeos que serão constantes em todos conteúdos produzidos, ou seja, dos elementos que vão compor a identidade do projeto, na forma da abertura, do encerramento, de lettering, etc. Desse modo, o desenvolvimento do conteúdo audiovisual a ser produzido por este projeto precisa levar em conta duas dimensões em seus aspectos estéticos e conceituais. Por um lado, há uma dimensão variável que acompanha os conteúdos específicos de cada filme e palestra escolhidos, por outro, é importante uma definição comum a todos os vídeos para que, quando tomados em conjunto, tenham uma identidade comum.

O objetivo da equipe a médio prazo é concluir o vídeo piloto da palestra do Prof. Walter Kohan. Para, a partir de então, iniciar as atividades do roteiro educativo, que vão servir também para receber as críticas e impressões sobre o material produzido, uma experiência de grande valor para a concepção das produções seguintes, em cima de outros filmes e palestras. Muitos são os desafios encontrados quando se pretende abordar temas transversais, como divulgação científica, cinema e acessibilidade. Nesse sentido, a equipe vem buscando dialogar com diferentes públicos, em seminários e congressos, no intuito de compartilhar a experiência de trabalhar conceitos filosóficos e científicos através da arte cinematográfica com e para surdos.

---

3 Nas gravações em LIBRAS, alterações visuais do(a) intérprete, como por exemplo, mudanças no corte de cabelo em uma mesma narrativa podem dificultar a compreensão da mesma. Por isso é recomendado que haja unidade visual nas produções.



Fig. 1. Sessão do Cineclube Ciência em Foco

**Descrição da imagem:** Fotografia do ponto de vista do fundo de uma sala, de pessoas sentadas em poltronas. Elas observam dois homens que estão em frente a um telão branco. Um deles, de pé, fala ao microfone e outro a esquerda, está sentado. As paredes são pretas.

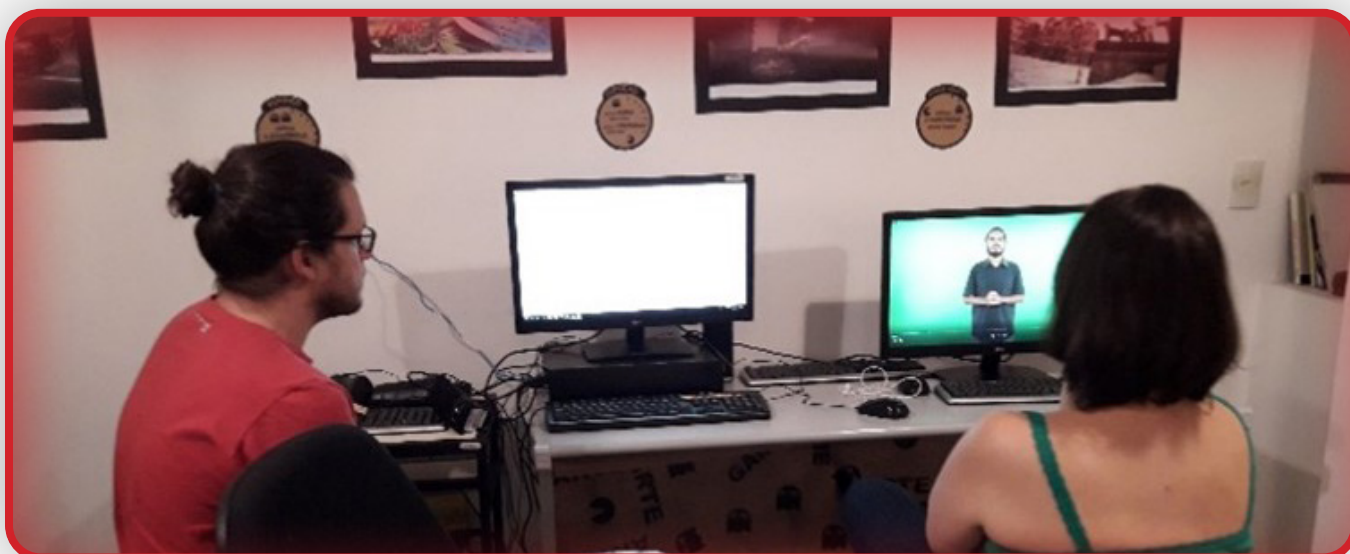


Fig. 2. Galeria de Arte, Ciência e Tecnologia do INES - Foto: Stella Savelli

**Descrição da imagem:** Fotografia de uma mulher e um homem, sentados, observando dois monitores de computadores em uma mesa. O homem usa cabelo preso em um coque, veste uma blusa vermelha, e está sentado do lado esquerdo da mulher, olhando em diagonal para as telas dos monitores. A mulher usa blusa de alças verde, tem os cabelos escuros de corte reto à altura do pescoço, e olha diretamente para os dois monitores. O da direita exibe a imagem de um intérprete de libras e o da esquerda, exibe um texto ilegível. Na parede ao fundo, no alto, quadros de diversas ilustrações de games.

# Roteiro educativo<sup>4</sup>

## Título da atividade:

Oficina “Acessibilidade com e para surdos em debates filosóficos através da exibição de filmes e palestras”

## Objetivos:

A partir da exibição do filme, fomentar reflexões entre o público presente; perceber e identificar a multiplicidade de olhares sobre um mesmo tema a partir de um filme; promover debates a partir de uma palestra proferida por um pesquisador/profissional, traduzida para LIBRAS e em formato audiovisual, abordando um determinado tema referente ao filme exibido; despertar o interesse e incentivar o indivíduo surdo a frequentar diferentes espaços científico/culturais.

## Público pretendido e número de participantes

A comunidade interna do INES - discentes, docentes e técnicos administrativos - assim como a comunidade externa que tenha interesse na temática. Além disso, também estarão presentes os convidados que participarão dos debates e da dinâmica. Tendo em vista as limitações do espaço físico, a quantidade de participantes ficaria restrita a um grupo de aproximadamente 20 pessoas.

## Temática trabalhada:

A proposta é trabalhar a temática abordada na palestra do(a) convidado(a) referente ao filme selecionado. No caso do projeto piloto, será exibido o filme do diretor Laurent Cantet, “Entre os muros da escola”, de 2008, seguido do material audiovisual com a palestra do Prof. Walter Kohan, sob o título: “Aprender e ensinar, exercícios de estrangeiridade”

## Duração da atividade:

A oficina será dividida em duas partes e organizada da seguinte maneira:

Abertura: Apresentação da oficina e da equipe. Tempo estimado: 15 minutos.

---

4 As atividades que compõem o roteiro educativo ocorrerão dentro do Instituto Nacional de Educação de Surdos, na Galeria de Arte, Ciência e Tecnologia do INES (GACT). A GACT é coordenada pela Profa. Stella Savelli e foi inaugurada em 2018, a partir de então tem realizado exposições em parceria com diversas Instituições e Museus. Um de seus objetivos é oportunizar o acesso a eventos culturais que incitam um pensamento crítico e estimulam os alunos a frequentarem Museus e Centros Culturais.



Exibição do filme do diretor Laurent Cantet, “Entre os muros da escola”, de 2008. Tempo estimado: 2 horas e 15 minutos.

Debate. Tempo estimado: 45 minutos.

Intervalo. Tempo estimado: 60 minutos.

Exibição do material audiovisual com a palestra do Prof. Walter Kohan, sob o título: “Aprender e ensinar, exercícios de estrangeiridade”. Tempo estimado: 40min.

Debate. Tempo estimado: 45 minutos.

Encerramento. Tempo estimado: 15 minutos.

A oficina vai contabilizar 5 horas e 15 minutos e emitirá certificado.

### **Materiais utilizados:**

A oficina contará com computador, projetor (Data Show) e tela de projeção, ou quadro branco, para exibição do filme e do vídeo com a palestra (em LIBRAS e legendado).

### **Pessoas envolvidas:**

A equipe do projeto “Acessibilidade com e para surdos em debates filosóficos através da exibição de filmes e palestras”.

### **Possível colaboração de parceiros de outras instituições:**

Além de membros da equipe do projeto que são de outras instituições, há possibilidade de se convidar colaboradores externos para o evento inaugural.

### **Formas de registro da atividade (fotos, vídeos, relatórios etc.):**

O evento contará com registros em fotos e com vídeos curtos para registro interno do projeto e para coletar depoimentos espontâneos do público participante.

## **Referências Bibliográficas**

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? **Ci. Inf.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996.

GARCIA, Gabriel C. de. (org.) **Ciência em Foco: pensar com o cinema v. 2**, Rio de Janeiro. Casa da Ciência da UFRJ/Garamond. 2013.

TILLY, Charles. **DurableInequality**, Berkeley, 1998. University of California Press. 1998.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phillis Perrin. **Aprender a Ver**. Petrópolis: Editora Arara Azul. 2005.

# Mini bio



## Desirée Nobre Salasar

---

Doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT/Portugal) e Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural. Atuou como colaboradora da Rede de Museus e na Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas (2018-2020). Realizou estágio em Acessibilidade Cultural no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha e residência profissional no Museu de Leiria, ambos em Portugal. Organizadora do livro multiformato “A Casa do Conselheiro”. Pesquisadora em Acessibilidade Cultural para pessoas com deficiência.

# Resumo do capítulo 3

## Acessibilidade programática: o desenvolvimento do Programa de Acessibilidade do Museu

Desirée Nobre Salasar


Este texto aborda o contexto das políticas públicas culturais e a acessibilidade cultural para pessoas com deficiência no Brasil. Discute pontos relevantes para a implementação da acessibilidade programática dentro das instituições museais através de seus Planos Museológicos, com o foco no Programa de Acessibilidade. A seguir, definem-se os principais passos para elaboração do programa de acessibilidade: diagnóstico situacional, uma equipe multidisciplinar que conte com pessoas com deficiência, o respeito pela história da instituição, a delimitação (ou não) de um público-alvo para o programa, os recursos inclusivos e o Plano de Evacuação de Emergência para pessoas com deficiência. Por fim, o roteiro educativo apresenta a experiência do Projeto de Extensão “Um museu para todos: programas de acessibilidade”, desenvolvido nos museus pertencentes à Universidade Federal de Pelotas.



Acesse a narração do resumo desse capítulo.



Aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado e visualize a tradução em LIBRAS do resumo desse capítulo



# Acessibilidade programática: o desenvolvimento do Programa de Acessibilidade do Museu

Desirée Nobre Salasar

## Introdução

No Brasil o conceito de acessibilidade cultural é entendido como a garantia do exercício da cidadania cultural (Dorneles; Lopes, 2016), ou seja, o entendimento de que a cultura é um direito humano basilar, que deve ser compreendido para além do acesso físico ao ambiente, mas sim de forma a possibilitar fruição do ambiente cultural como um todo. Este conceito faz refletir acerca da célebre frase “somos todos iguais”. Na verdade não somos, somos todos diferentes e são as nossas diversidades que nos potencializam enquanto pessoas, como já dizia Bauman (1999).

Durante um longo período da história ocidental, as pessoas com deficiência estiveram alijadas da participação ativa na vida cultural. Entretanto, após a década de oitenta quando muitos movimentos sociais passaram a lutar por seus direitos, esta parcela da população começou a ganhar visibilidade com o Ano Internacional das Pessoas Deficientes (1981) promulgado pela ONU. É neste contexto que o Modelo Médico da deficiência passa a ser contestado por um modelo emergente: O Modelo Social da Deficiência.

Antagônico ao modelo anterior, que apontava que a ação mais importante era a promoção da cura e o cuidado para com a pessoa com deficiência, o Modelo Social direciona a luta destas pessoas para a esfera dos Direitos Humanos e responsabiliza a sociedade pela exclusão e segregação destas pessoas. A saber, o objetivo deste é baseado numa perspectiva conceptual a partir dos obstáculos enfrentados pelas pessoas com diversos tipos de deficiência, através de uma visão holística da noção de incapacidade (PORTUGAL, 2010, p. 26).

Desde então, inúmeros processos regulatórios nacionais e internacionais asseguram os direitos culturais<sup>1</sup>. Destacarei três, que considero fundamental para o que proponho

---

<sup>1</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); Constituição Federal (1988); Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2006); NBR9050, entre outros.

apresentar neste artigo. São eles: o código de ética e deontologia dos Museus (ICOM, 2006), o Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904/09) e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/15).

Como uma das vertentes confluentes entre estes três documentos observa-se que foram construídos por muitas mãos, de forma participativa por profissionais e colaboradores. Neles é possível observar a valorização da diversidade humana, a promoção da cidadania e a busca por uma sociedade mais inclusiva.

O código de ética do International Council of Museums (ICOM) para os museus, no item que aborda sobre a disponibilidade dos acervos (3.2), aponta que:

Os museus têm responsabilidade de dar pleno acesso às suas coleções e às informações relevantes existentes a seu respeito, guardadas as restrições decorrentes de confidencialidade ou segurança necessária (ICOM, 2006).

Para fins conceituais entende-se o museu como:

[...] uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que realiza pesquisas sobre os testemunhos materiais do homem e de seu meio ambiente, os adquire, conserva, comunica e essencialmente os expõe com fins de estudo, educação e deleite (ICOM, 2006).

Sendo os museus instituições que estão a serviço da sociedade, suas portas devem estar constantemente abertas aos mais diversos públicos que possam ter interesse em conhecê-los, incluindo pessoas com deficiência. Para tal, faz-se necessário pensar em estratégias de comunicação e aproximação entre o ambiente e seus visitantes, para que este desperte a vontade pelo conhecimento, a curiosidade, o senso crítico, tornando-se atraente para todas as pessoas.

Em 2009 foi promulgado o Estatuto dos Museus, Lei 11.904, que embora não cite de forma direta a inclusão da pessoa com deficiência, aponta a universalidade do acesso como um de seus pilares, garantindo que esta se dará na forma da legislação vigente. Em seu portal institucional o IBRAM apresenta a seguinte definição:

O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. (Grifos da autora)

Destaco três palavras dessa definição que são chave para discutimos a inclusão dentro desses ambientes culturais: sensações, fascinante e partilha. Retornarei a elas daqui a pouco.

Entretanto, embora a política museal brasileira tenha sido construída de forma parti-

cipativa e com os profissionais dos museus, ela torna-se utópica no que tange à acessibilidade cultural para pessoas com deficiência na maioria dos casos, uma vez que, ao utilizar termos como universalidade do acesso, pressupõe-se que os museus buscarão adaptar-se aos princípios do Desenho Universal<sup>2</sup>, pois só assim darão conta de incluir grande parte da população e respeitar a diversidade e pluralidade de um país de dimensões continentais como o Brasil.

Assim, com o olhar voltado para os museus, o Desenho Universal prevê que o ambiente, o discurso expositivo e as formas de interação com o público estejam voltadas para todas as pessoas, independentemente de suas capacidades/habilidades.

Mas voltemos às três palavras destacadas na conceituação de museu do IBRAM. Para isto, peço que você faça um breve exercício: feche os olhos e pense no seu museu preferido. Tente lembrar quais foram as sensações que este museu provocou em você. Porque você o tem como preferido? O que o torna fascinante? O que você descobriu e aprendeu quando o visitou? Você percebeu se estas experiências foram compartilhadas com outras pessoas ou ela foi singular?

Provoco este questionamento a você com o intuito de refletirmos juntos acerca das nossas instituições e com isso, buscar construir um programa de acessibilidade mais inclusivo possível, uma vez que paradesenvolver o programa de acessibilidade é importante que a equipe do museu faça estas reflexões.

## **Acessibilidade Programática: o processo de construção de um Programa de Acessibilidade**

Sasaki (2009) ao conceituar acessibilidade e dividi-la em seis dimensões<sup>3</sup> descreveu a acessibilidade programática como aquela relacionada às normativas, legislações e documentos oficiais. No Manual para Programas de Acessibilidade<sup>4</sup> aponto que no contexto museal a acessibilidade programática está intimamente relacionada ao Programa de Acessibilidade. Incluído no Estatuto dos Museus, através da Lei Brasileira de Inclusão, o Programa de Acessibilidade deve estar desmembrado como um programa específico do Plano Museológico. Entretanto, mesmo com o documento específico para a área, cabe destacar que as ações de acessibilidade devem ser transversais ao Plano e a instituição como um todo. Assim, seguindo o modelo padrão do Plano Museológico, o Programa de acessibilida-

---

2 “concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo recursos de tecnologia assistiva”(BRASIL, 2015).

3 Acessibilidade atitudinal, arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental e programática.

4 Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4390>

de também deve ser construído em etapas. Sendo elas teóricas e objetivas.

Na etapa teórica é fundamental que se discutam a visão de acessibilidade que a instituição pretende adotar, relacionando-a com a missão e os valores do museu e a existência ou não de um público-alvo para o programa.

Desta forma, cabe salientar a importância de uma equipe multidisciplinar discutindo este assunto, com a participação efetiva de pessoas com deficiência, de profissionais da acessibilidade e da equipe do museu. Em casos de museus de grande porte, é fundamental a participação de ao menos uma pessoa de cada setor, no processo de construção deste documento. Estas discussões serão fundamentais para que o documento esteja em consonância com a realidade do museu, bem como, a garantia de que ele será a política institucional de acessibilidade.

No que tange à escolha de um público-alvo, entendo que o ideal é incluir a todas as pessoas, porém destaco que construir um primeiro Programa de Acessibilidade, já na perspectiva da inclusão de todos os públicos, deve ser levado em consideração a complexidade da implementação de muitos recursos que dependerão tanto de orçamento, como de recursos humanos.

Entendendo o contexto dos museus brasileiros, nomeadamente os públicos, observa-se que há uma grande limitação neste quesito, portanto, começar aos poucos pode ser o ideal, para que não se perca tempo construindo um documento que não será efetivado e poderá gerar mais frustrações do que acessibilidade, de fato.

Assim, sugiro começar a desenvolver o Programa com o foco nos públicos que o museu já vem se aproximando ou que possui possibilidade de parcerias futuras, elencando metas e prazos a serem cumpridos. Desta forma, conforme as metas forem sendo atingidas e o Programa de Acessibilidade for sendo atualizado, se vai ampliando o público-alvo e incluindo novas possibilidades.

Outro ponto relevante de discussão neste momento é relacionado ao respeito pela história da instituição, ou seja, buscar acessibilizar o museu sem que sejam geradas situações conflitantes entre acervo e acessibilidade. Em algumas situações vai haver limitações em relação à implementação da acessibilidade, e aí será necessário buscar outras estratégias para acessibilizar o conteúdo ou o espaço, sem descaracterizar ou ferir a instituição museal.

No que tange às questões objetivas do Programa de Acessibilidade estas estarão intimamente ligadas ao Diagnóstico de Acessibilidade do Museu.

Portanto, ao iniciarem as discussões acerca da elaboração do Programa é imperativo realizar também um diagnóstico da situação atual do museu, verificando quais são as condições atuais, suas fragilidades e potencialidades.

Atualmente, existem vários instrumentos nacionais e internacionais que podem ser uti-

lizados para este levantamento de dados<sup>5</sup>, incluindo um auto-diagnóstico de acessibilidade, que pode ser realizado online, desenvolvido pela Direção Geral do Patrimônio Cultural de Portugal em parceria com o Observatório Ibero-americano de Museus da Ibermuseus<sup>6</sup>.

Neste diagnóstico, itens como: barreiras arquitetônicas, acessos sensoriais, barreiras intelectuais e o acesso à informação, barreiras econômicas (lembrando que grande parte da população brasileira com deficiência está em situação de vulnerabilidade social) devem ser verificados. O acesso às plataformas digitais e site do museu também deverá ser avaliado<sup>7</sup>.

Assim, este levantamento de dados apontará caminhos que deverão ser seguidos pela instituição e elencados como metas do Programa de Acessibilidade.

Outro ponto importante do Programa é o Plano de Evacuação de Emergência para Pessoas com Deficiência que deve estar transversal ao Programa de Segurança do Plano Museológico.

Os museus, em consonância com o artigo 44 da Lei Brasileira de Inclusão, com a NBR9050 (norma de acessibilidade), a NBR 9077 (norma de saídas de emergência em edifícios) e com a Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, na qual o Brasil é signatário, devem comprometer-se a tomar medidas que garantam a acessibilidade e total fruição dos seus espaços, garantindo também a segurança das pessoas com deficiência (SALASAR, 2019).

Desta maneira, considerando a sua responsabilidade para com seus visitantes e preservando pela integridade e segurança dos mesmos, os museus devem estar preparados para possíveis situações de emergência, estando com a equipe apta para realizar a evacuação de pessoas com deficiência, caso seja necessário.

Com estas etapas todas cumpridas, a equipe deverá elaborar o documento final, que apresente um breve histórico das ações que já foram desenvolvidas na área de acessibilidade na instituição, a visão de acessibilidade que o museu busca alcançar, o público-alvo de suas ações inclusivas ou acessíveis e quais serão os recursos de tecnologia assistiva que o museu oferece ou buscará oferecer. O Plano de evacuação de emergência para pessoas com deficiência deve estar em anexo.

A seguir, com base nos dados levantados no diagnóstico devem-se elencar metas de curto, médio e longo prazo para serem cumpridas e aos poucos tornando o Programa de Acessibilidade uma realidade do museu.

---

5 Grelha de Análise de Ambientes Culturais (Negreiros, 2016); Check-list de acessibilidade (Acesso Cultura, 2020); Avaliação de acessibilidade em ambientes culturais (UFRGS, 2011),

6 Para mais informações, acessar: <http://www.iber museos.org/pt/acoes/observatorio-ibero-americano-de-museus/ferramenta-de-autodiagnostico-de-acessibilidade-em-museus/>

7 Uma ótima ferramenta para esta avaliação é o <https://accessmonitor.acessibilidade.gov.pt/>



O Programa de Acessibilidade, assim como o Plano Museológico, é um documento dinâmico que deve ser revisado periodicamente e garantir a continuidade da política de acessibilidade da instituição.

## Roteiro Educativo – “Um museu para todos: programas de acessibilidade”

Este roteiro está baseado na experiência do Projeto de Extensão que coordeno, intitulado “Um museu para todos: Programas de Acessibilidade”, vinculado à Rede de Museus e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade Federal de Pelotas. O projeto iniciou suas atividades em outubro de 2019, como uma das metas do Plano de Acessibilidade da PREC UFPel e como desdobramento da publicação “Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade”. Tendo como objetivo desenvolver os programas de acessibilidade para os museus da UFPel e formar recursos humanos aptos para discutir a acessibilidade cultural em museus para pessoas com deficiência, ele é composto por uma equipe multidisciplinar onde fazem parte alunas de seis cursos de graduação<sup>8</sup> e um consultor com deficiência visual mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural. O projeto está sendo desenvolvido nas seguintes instituições parceiras: Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, Museu do Doce, Memorial do Anglo e Museu Municipal Parque da Baronesa, envolvendo, aproximadamente vinte pessoas entre discentes, docentes e técnicos administrativos.

Para seu desenvolvimento, o projeto foi dividido em cinco ações:

**1. Instrumentalização das discentes (outubro e novembro de 2019):** aproximando-as da pauta da acessibilidade cultural em museus para pessoas com deficiência, dos conceitos de acessibilidade e de Desenho Universal. Nesta etapa também foram feitas visitas aos museus parceiros, onde os mediadores apresentaram as instituições para as meninas.

**2. Diagnóstico de Acessibilidade (dezembro de 2019):** Nesta etapa, divididas em duplas multidisciplinares (FIGURAS 1 e 2), as discentes realizam os diagnósticos de acessibilidade dos museus, utilizando dois instrumentos<sup>9</sup>, bem como fizeram levantamento métrico e fotográfico.

<sup>8</sup> Terapia Ocupacional, Pedagogia, Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, Artes Visuais, Ciências Biológicas e Museologia.

<sup>9</sup> Grelha de análise para acessibilidade em ambientes culturais (Negreiros, 2016) e Planilhas de vistoria para avaliação das condições referentes à acessibilidade arquitetônica, disponível em: DISCHINGER, Marta Promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos: Programade Acessibilidade às Pessoas com Deficiência ou Mobilidade Reduzida nas Edificações de Uso Público / Marta Dischinger, Vera Helena Moro BinsEly, Sonia Maria Demeda Groisman Piardi. – Florianópolis: MPSC, 2012.



Fig. 1 e 2: Integrantes da equipe do projeto realizando o diagnóstico de acessibilidade

Descrição das imagens: Na primeira fotografia, à esquerda, há quatro mulheres em pé, em uma calçada, em frente a uma placa onde se lê “Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter”. Elas estão de cabeça baixa, escrevendo em pranchetas. Na segunda foto, à direita, uma mulher loira está de joelhos no chão de madeira de um corredor, com os braços abertos, aparentemente medindo a largura do local. Ao fundo, a direita, há um armário antigo de madeira escura com espelhos nas portas. Ao fundo ao centro há um corredor que dá pra outra sala.

Cabe destacar que em função da pandemia da COVID-19, o projeto precisou passar por adaptações, onde suas reuniões, que ocorriam semanalmente em cada um dos museus parceiros, passaram a ocorrer de forma remota e respeitando as limitações do calendário acadêmico da Universidade Federal de Pelotas.

**3.Elaboração e entrega dos relatórios de Acessibilidade (março a agosto de 2020):** Depois de concluído o levantamento de dados dos museus e feita a avaliação de seus sites e redes sociais, os dados foram tabulados e a equipe do projeto elaborou um relatório de acessibilidade que foi apresentado e entregue para as instituições.

**4.Oficinas de sensibilização e instrumentalização das equipes (setembro 2020):** Uma vez apresentados os relatórios, cada equipe apontou suas principais angústias e demandas relacionadas à acessibilidade, indicando quais assuntos gostariam de aprofundar. Assim, a equipe do projeto organizou um cronograma com oito oficinas que foram ministradas pelas discentes e pelo consultor do projeto, via web conferência, respeitando o isolamento social. Os assuntos abordados foram: conceitos importantes para acessibilidade e recepção de públicos com deficiência; linguagem simples e comunicação alternativa; audiodescrição – descrição de imagens; design expositivo comunicação acessível (formatação de textos); recursos virtuais para o contexto da pandemia e acessibilidade web; museus e acessibilidade pós-pandemia.

**5. Elaboração dos Programas de Acessibilidade (outubro e novembro 2020):** A última etapa diz respeito à elaboração de um programa de acessibilidade para cada um dos

cinco museus. A metodologia adotada foi manter as duplas interdisciplinares da equipe do projeto, deixando cada dupla responsável por um museu. Assim, cada instituição teve dois encontros ao longo de uma semana, onde, com base nas etapas anteriores do projeto, foram decididas a visão de acessibilidade dos museus, os públicos-alvo, os recursos que se buscará ofertar e as possíveis parcerias a serem adotadas. Aos museus, foi solicitada a entrega de um documento contendo estas informações discutidas nas reuniões, bem como seus Planos Museológicos e plantas baixas, para elaboração do Plano de Evacuação de Emergência para Pessoas com Deficiência. Com base nas reuniões e nos documentos entregues pelos museus, a equipe do projeto desenvolverá os Programas de Acessibilidade para serem anexados aos Planos Museológicos.

A entrega dos Programas de Acessibilidade está prevista para dezembro de 2020.

Todas as etapas presenciais foram documentadas com imagens e as etapas remotas, realizadas pela plataforma de web conferência da UFPel, foram gravadas para manter o registro de cada uma destas.

Destaca-se que a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e a Rede de Museus da UFPel têm um papel fundamental no desenvolvimento deste projeto, uma vez que além de garantir todo o suporte para que este aconteça, ressalta sempre a importância de seus museus estarem em consonância com a legislação vigente e com o compromisso de suas funções sociais, destacando o papel da Universidade pública, gratuita e de qualidade. Registra-se aqui o compromisso da gestão 2017 – 2020 da PREC UFPel, coordenada pela Pró-Reitora Professora Dra. Francisca Ferreira Michelin, com a pauta da acessibilidade cultural e fomento às ações inclusivas nos museus universitários.

## Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência: Pós-modernidade ou vivendo com a ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

DORNELES, Patrícia; LOPES, Roseli Esquerdo. Cidadania e diversidade cultural na pauta das políticas culturais. **Cadernos de Terapia Ocupacional**, UFSCAR. São Carlos, v. 24, n. 1, p. 173-184, 2016.

PORTUGAL, S. (org.). **Estudo de avaliação do impacto dos custos financeiros e sociais da deficiência: relatório final**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. 2010.

SALASAR, Desirée Nobre. **Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade**. Pelotas: Ed. da UFPel. 2018.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, v. 12, p. 10-16, mar./abr. 2009.

# Mini bio



**Leonardo Dias  
de Oliveira**

Educador no Museu Histórico Nacional/MHN e consultor de acessibilidade na área da deficiência visual.



**Nathália Maria  
Andrade dos Santos**

Graduanda em História/UERJ e educadora no Museu Histórico Nacional (Ibram).



**Valéria Regina  
Abdalla Farias**

Museóloga e atua no Núcleo de Educação do Museu Histórico Nacional/MHN. Mestranda em Comunicação Acessível do Instituto Politécnico de Leiria /Portugal.

# Resumo do capítulo 4

## **Bonde da História “Violências Históricas”:** uma proposta de visita acessível no Museu Histórico Nacional

Leonardo Dias de Oliveira, Nathália Maria Andrade dos Santos,  
Valéria Regina Abdalla Farias

A ação educativa “Bonde da História: Violências Históricas” é uma proposta do Museu Histórico Nacional, de 2018, que buscou discutir formas de violência presentes na História do Brasil, através de visita mediada acessível a diversos públicos, com foco nas pessoas com deficiência visual. O texto conta o trabalho realizado junto à Associação Fluminense de Amparo aos Cegos (Niterói, RJ) para a realização da referida ação. Por fim, conclui que a presença de pessoas com deficiência na equipe do museu e o desenvolvimento de propostas em conjunto com estas pessoas contribuem para que as experiências sejam significativas nas instituições museológicas.



Acesse a narração do resumo desse capítulo.



Aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado e visualize a tradução em LIBRAS do resumo desse capítulo



# Bonde da História “Violências Históricas”: uma proposta de visita acessível no Museu Histórico Nacional

*Leonardo Dias de Oliveira, Nathália Maria Andrade dos Santos, Valéria Regina Abdalla Farias*

## **Acessibilidade em museus, barreiras e pessoas com deficiência visual**

Nos últimos anos, as instituições museológicas vêm passando por transformações que as fizeram estar mais atentas às demandas da sociedade e não apenas focadas na preservação de suas coleções (MARTINS, 2017), inclusive através de desenvolvimento de ações que visam superar barreiras de acesso aos mais diversos públicos que não costumam frequentar museus, os considerados públicos não habituais.

Ainda há muito por fazer para que de fato os museus sejam espaços acessíveis a todas as pessoas e atendam suas demandas. Para efeitos desta reflexão, consideramos acessibilidade em museus como “um conjunto de adequações, medidas e atitudes que visam proporcionar bem-estar, acolhimento e acesso à fruição cultural para pessoas com deficiência beneficiando públicos diversos” (LOURENÇO et al, 2016, p. 96).

As principais barreiras encontradas pelas pessoas com deficiência em museus são as físicas, sensoriais e atitudinais. As físicas referem-se à arquitetura do espaço, circulação no ambiente e nas exposições. As sensoriais dizem respeito ao acesso comunicacional/ informacional e aos bens culturais disponíveis ao público. Já as atitudinais estão ligadas ao comportamento e atitudes das pessoas em relação aos públicos com deficiência (MARTINS, 2017).

Em 2011, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), apresentou um levantamento sobre a realidade de 1500 instituições museológicas. Em relação à acessibilidade, cerca de metade dos museus (50,7%) informou possuir instalações para pessoas com deficiência e os recursos mais citados foram rampas de acesso (78,8%). O acesso físico ao espaço é essencial, mas a discussão sobre o tema não pode parar neste tópico.

Em relação às barreiras sensoriais, destacamos que Almeida, Carijó e Kastrup (2010) indicaram que os museus são espaços onde há predominância da exploração visual. Isto

significa que muitos públicos não têm acesso aos conteúdos e acervo dos museus, como é o caso das pessoas com deficiência visual. Para além de recursos visuais, há possibilidade dos táteis, olfativos e sonoros, que podem estar disponíveis nas exposições e/ ou em ações educativas desenvolvidas pelos museus.

Observamos um aumento na quantidade de instituições que buscam os recursos táteis, entre os quais se destacam as maquetes, reproduções de acervo, relevos e os objetos das próprias coleções. Ressaltamos que o tato favorece a “experiência com as texturas e as escalas dos objetos, e o reconhecimento de contorno e volumes que a visão, contrariamente, não favorece” (TOMAZ, 2016, p. 57). Assim, salientamos que pessoas com e sem deficiência podem ser beneficiadas por esses recursos.

Os setores educativos de museus têm constante contato com os públicos e conseguem captar mais rapidamente frustrações, demandas e, também, ausências de determinados públicos. Se essas áreas estiverem pautadas no conceito de Educação Museal, da Política Nacional de Educação Museal, têm grande potencial para contribuir para que as experiências dos visitantes sejam significativas, na medida em que envolve:

“(...) a promoção de estímulos e da motivação intrínseca a partir do contato direto com o patrimônio musealizado, o reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos visitantes e das maneiras de ser e estar no museu (...)”. (COSTA et. al., 2018, p.73-74).

Salientamos que o foco nos distintos públicos desempenha importante papel na abolição das barreiras atitudinais, na medida em que, para dar conta desse compromisso, as áreas educativas têm oportunidade de propor ações de formação e sensibilização junto ao público interno - e externo também - para evitar possíveis comportamentos preconceituosos no espaço do museu. Ainda, as propostas pautadas na dimensão atitudinal da acessibilidade podem dar maior visibilidade às pessoas com deficiência.

A partir dessa breve reflexão acerca de acessibilidade em museus, públicos com deficiência - com enfoque para pessoas com deficiência visual - e educação museal, apresentaremos a seguir uma proposta de ação educativa acessível desenvolvida pelo Museu Histórico Nacional (MHN) em 2018, o Bonde da História “Violências Históricas”.

A ação buscou discutir algumas das diversas formas de violência presentes na História do Brasil, através de uma visita mediada que surgiu com a proposta de ser acessível a diversos públicos, com enfoque para as pessoas com deficiência visual. A proposta surgiu no âmbito da 16ª Semana Nacional de Museus (SNM) -cujo tema foi “Museus Hiperconectados: novas abordagens, novos públicos” - mas foi colocada em prática em outros momentos ao longo do ano, inclusive com um grupo oriundo da Associação Fluminense de Amparo aos Cegos (AFAC), localizada em Niterói, Rio de Janeiro.

## Uma proposta de visita acessível

No final de 2016, o Núcleo de Educação do MHN passou a contar com uma pessoa cega na equipe, o educador Leonardo Oliveira - um dos autores deste texto. Com o início do trabalho do referido educador, consideramos que as atitudes da equipe do MHN em relação às pessoas com deficiência melhoraram. Sabíamos que sua participação no desenvolvimento das ações educativas acessíveis era fundamental, devido às suas experiências de vida e porque já acreditávamos na potência do “fazerCOM” e não apenas “PARA” as pessoas com deficiência indicados por Alves e Moraes (2018).

Em 2018, com a pauta da acessibilidade mais presente nas discussões, integrantes da equipe do Núcleo de Educação planejaram um roteiro temático de visita mediada que buscou atender demandas das pessoas com deficiência visual, mas que teve como proposta integrar públicos com e sem deficiência, dentro do projeto Bonde da História<sup>1</sup>. E foi assim que surgiu o “Bonde da História: Violências Históricas”, no contexto da 16ª SNM.

A ação teve o objetivo de promover uma mediação dialógica sobre diversas expressões de violência presentes na História do Brasil, na exposição de longa duração do MHN, através de experiências táteis, notícias armazenadas em um tablet, além de breve descrição dos espaços expositivos e dos objetos. Dentre os elementos para o toque, selecionamos quatro reproduções táteis<sup>2</sup>; dois objetos do acervo que já estavam na exposição de longa duração; oito itens do acervo que não estavam no circuito expositivo; um documento similar ao que se encontra no acervo.

Para selecionar itens do acervo para o roteiro, o Núcleo de Educação trabalhou em conjunto com a equipe do Núcleo de Reserva Técnica, que realizou uma varredura nos itens possíveis, levando em consideração as necessidades apresentadas pelos educadores responsáveis pela atividade, a segurança dos visitantes e dos objetos<sup>3</sup>. Através dos itens selecionados, o roteiro contou com 10 pontos no total, que se estenderam por todo o circuito expositivo. Os objetos que não se encontravam na exposição foram levados pela equipe em um carrinho do Núcleo, sobre o qual eram disponibilizados ao público.

Para a visita, a proposta buscou levantar discussões e desenvolver os tipos e violência evocados pelos itens selecionados, tratando de diversas temporalidades históricas, a saber: imposições culturais sobre as sociedades indígenas; imposição da religião católica em detrimento das espiritualidades já existentes entre os povos nativos da América; vio-

---

1 O Bonde da História é um projeto de visitas mediadas temáticas que acontece, desde 2017, aos fins de semana no MHN.

2 O MHN possui 13 reproduções táteis na exposição.

3 Não foram selecionados objetos com pontas afiadas, cortantes, com farpas ou que fossem frágeis.



lência do tráfico negreiro e suas implicações; intolerância em relação às religiões de matriz africana; violência do abuso de poder político; formas de violência durante o longo período da escravidão; violência relacionada ao poderio bélico, particularmente falando de Guerra da Tríplice Aliança; embates relacionados aos direitos políticos e as violações referentes a esta temática; violência referente à retirada de direitos da classe trabalhadora em diversos períodos; e violências cibernéticas.

A proposta foi divulgada ao público junto com outras atividades da 16ª SNM, que aconteceu no mês de maio de 2018. Os principais meios de divulgação do evento foram o website do MHN, Facebook e lista de e-mails, além da divulgação feita pelo próprio Ibram de todas as atividades dos museus do Brasil. A equipe do Núcleo de Educação também divulgou a proposta para instituições que atendem pessoas com deficiência visual da região Metropolitana do Rio de Janeiro. Durante a SNM, realizamos a ação, mas não contamos com visitantes com deficiência.

## **Entre rodas de conversa, submarino e violências históricas**

Entre as instituições convidadas a participar da visita mediada acessível, estava a Associação Fluminense de Amparo aos Cegos (AFAC), localizada em Niterói (Rio de Janeiro). A psicóloga da instituição, Roberta Gonçalves, foi receptiva à proposta, mas não teria tempo hábil para participar da visita durante o evento em questão. Então agendamos uma reunião no MHN para apresentar as possibilidades para outra oportunidade. Da reunião, com direito à visita ao circuito expositivo, surgiu a proposta da equipe do MHN visitar a AFAC e conversar com as diversas pessoas envolvidas com a instituição.

Em junho do mesmo ano, a AFAC organizou uma roda de conversa sobre acessibilidade cultural, contando com cerca de 50 pessoas, entre profissionais da AFAC, de instituições culturais distintas, pessoas com deficiência visual e alguns acompanhantes e integrantes do Núcleo de Educação do MHN. A intenção era exercitar a escuta ativa, conhecer as pessoas e suas experiências com instituições culturais, e não apresentar o MHN. Imaginávamos que a próxima atividade com o grupo da AFAC seria uma visita ao MHN, mas, durante a roda, a possibilidade de realizar uma visita ao submarino do Espaço Cultural da Marinha surgiu e precisava acontecer antes da ida ao MHN.

Essa atividade aconteceu cerca de um mês após a roda de conversa e participamos como visitantes. O grupo contou com quase 50 participantes, entre profissionais da AFAC, pessoas com deficiência e alguns de seus familiares. Alguns dias após a visita, a AFAC realizou uma nova roda de conversa para que todos os envolvidos pudessem compartilhar suas experiências sobre visita. Enquanto participantes do processo, estivemos na roda e mais uma vez tivemos o interesse em ouvir as pessoas que participaram da visita.

Pouco mais de três meses após o primeiro contato com a AFAC, a visita ao MHN

aconteceu. Por entendermos que o acolhimento e a fruição da visita eram fundamentais para que a experiência fosse positiva para todas as pessoas envolvidas, fizemos uma espécie de planejamento da logística da visita, que envolvia os deslocamentos pelos espaços, a quantidade de profissionais do Núcleo de Educação envolvidos e a dinâmica do toque nos objetos. Não tínhamos certeza do quantitativo de participantes, mas sabíamos que não ultrapassaria 20 pessoas, pois em conversa com a equipe da AFAC. Apesar da AFAC falamos da importância de ter um número reduzido para melhor fruição possível e por conta de nossa dinâmica interna.

Tudo indicava que receberíamos mais pessoas cegas do que com baixa visão, além de seus respectivos acompanhantes, já que a AFAC é uma instituição que atende pessoas com deficiências em processo de reabilitação; ou seja, pessoas que perderam há pouco tempo ou estão perdendo a visão e, portanto, ainda lidam com as implicações sociais, psicológicas e físicas dessa nova realidade. Ainda assim, preparamo-nos para o caso de alguém não estar acompanhado.

Por se tratar de uma visita dialógica que envolvia o toque nos objetos e o deslocamento de pessoas que, teoricamente, ainda não tinham tanta habilidade com a bengala e, por isso, andariam mais devagar, resolvemos diminuir a quantidade de pontos do roteiro. Esta medida não prejudicou o recorte temático, visto que ele foi pensado também para ser flexível.

O grupo contou com 15 pessoas, sendo 8 pessoas com deficiência visual e 7 acompanhantes e terapeutas da AFAC. Entre as pessoas com deficiência, havia apenas uma pessoa cega e o restante do grupo era formado por pessoas com baixa visão. Apesar de não ter representado um problema, acreditávamos que mais pessoas cegas participariam da atividade, especialmente considerando a experiência da visita ao Espaço Cultural da Marinha. Como o grupo não era grande, optamos por mantê-lo todo junto.

Após a recepção e o acolhimento do grupo, dirigimo-nos para a exposição, todos no mesmo grupo - e não em dois, como pensamos inicialmente, caso tivéssemos mais de 20 participantes. Já no primeiro ponto, durante a mediação, começamos a estimular o toque nos objetos, de forma orientada, sugerindo e perguntando se alguém gostaria de tocar nesse ou naquele objeto. Alguns visitantes participaram das experiências táteis disponíveis, mas muitos não se interessaram, mas se aproximavam das vitrines e dos objetos, sem tocá-los tanto.

Percebemos que diante das demandas que surgiriam, uma alteração na dinâmica da visita se mostrava necessária. As pessoas queriam utilizar o sentido da visão, - ainda que tivessem dificuldade - para chegarem perto das vitrines, verem os objetos e imagens bem de perto e lerem alguns textos, sem explorar em demasia o tato. Fomos lembrados na prática, através dessa atividade, que mesmo com planejamento, é importante manter a percepção aguçada para possíveis mudanças necessárias, no intuito de tornar a experiência mais prazerosa e significativa para o grupo e a equipe do museu.

Ao final, fizemos uma roda em um dos pátios do museu, para conhecer as impressões

do grupo sobre a visita. Era a primeira vez que a maioria visitava o MHN e, no geral, as pessoas se demonstraram satisfeitas com a visita e surpresas pelo acolhimento que tiveram. Demonstraram, também, ter gostado de terem sido recebidos no museu por uma pessoa cega, o que provavelmente os fez sentir mais próximos do espaço.

## Considerações finais

Inúmeras são as possibilidades que têm potencial para proporcionar experiências significativas às pessoas com deficiência nos museus. Mesmo que as propostas sejam direcionadas às pessoas com deficiência, outros públicos são beneficiados.

Os setores educativos desempenham importante papel através de ações acessíveis que buscam proporcionar experiências significativas nos museus. Em alguns casos, uma boa experiência não é única e exclusivamente avaliada pela disponibilização de distintos recursos, com experiências táteis, sonoras ou olfativas. Os recursos são importantes, mas há de se considerar a dimensão atitudinal da acessibilidade.

Na visita do grupo da AFAC ao MHN, a equipe realizou uma alteração na dinâmica da proposta inicial. Caso não tivéssemos percebido a necessidade de mudança, de acordo com as demandas apresentadas pelas pessoas com baixa visão, as experiências do grupo poderiam ter sido negativas. Estar atento às reações dos visitantes, estabelecer uma escuta ativa e estar aberto ao diálogo são pontos que contribuem para que as pessoas se sintam acolhidas, o que pode contribuir para que considerem que tenham tido uma boa experiência no museu. Outros fatores que podem contribuir são: a presença de pessoas com deficiência na equipe do museu e o estabelecimento de contatos anteriores à visita ao museu para desenvolver propostas em conjunto, já que marcam o fazer **COM** e não **PARA** as pessoas com deficiência.

A pouca procura pelos museus por parte das pessoas com deficiência se deve ao fato de não encontrarem com frequência espaços acessíveis. Assim, mesmo que as propostas dos museus estejam mais acessíveis nos dias de hoje, ainda não o são totalmente. Temos um longo caminho pela frente até que as pessoas com deficiência identifiquem os museus como uma possibilidade de lazer, educação, trabalho e que as possam representar.

## Roteiro educativo

**Título da atividade:** Bonde da História “Violências Históricas”

**Objetivos:** Discutir formas de violência presentes na História do Brasil, através de uma visita mediada acessível a pessoas com e sem deficiência, com enfoque nas pessoas com deficiência visual

**Público pretendido e número de participantes:** Buscou-se um público de 20 pessoas, mas 15 participaram (visita com grupo da AFAC)

**Temática trabalhada:** História do Brasil, acessibilidade

**Duração da atividade:** 2h

**Materiais utilizados:** Reproduções táteis, objetos do acervo, tablet, notícias de jornais em arquivo PDF

**Pessoas envolvidas:** Equipe do Núcleo de Educação e da Reserva Técnica do MHN

**Possível colaboração de parceiros de outras instituições:** Associação Fluminense de Amparo aos Cegos (AFAC)

**Formas de registro da atividade:** Fotografias e relatório

**Autores do texto:**

**Leonardo Dias de Oliveira (leobassrj@gmail.com)** Educador no Museu Histórico Nacional (Ibram), participa da elaboração de propostas de ações educativas acessíveis. Também é consultor em acessibilidade na área da deficiência visual.

**Nathália Maria Andrade dos Santos (nathaliamasantos@hotmail.com)** Graduanda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, É educadora no Museu Histórico Nacional (Ibram).

**Valéria Regina Abdalla Farias (valeria.abdalla@museus.gov.br)** Museóloga e atua na área de acessibilidade do Núcleo de Educação do Museu Histórico Nacional (Ibram). É mestranda em Comunicação Acessível pelo Instituto Politécnico de Leiria.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Clara de; CARIJO, Filipe Herkenhoff; KASTRUP, Virgínia. Por uma estética tátil: sobre a adaptação de obras de artes plásticas para deficientes visuais. **Fractal, Rev. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2010.

ALVES, Camila Araújo; MORAES, Márcia. Entre Histórias e Mediações: um Caminho para Acessibilidade Estética em Espaços Culturais. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 38, n. 3, 2018.

COSTA, Andrea et al. Educação Museal. **Cadernos da PNEM.** Brasília: Ibram, 2018.

IBRAM. **Museus em Números.** Brasília: Ibram, 2011.

LOURENÇO et al. Estudos exploratórios sobre o acesso aos museus da Universidade Federal de São Paulo. **Museologia e Patrimônio – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio.** Vol. 9, n. 1. Rio de Janeiro: Unirio/ MAST, 2016.

MARTINS, Patrícia Roque. **Museus (In)Capacitantes: Deficiência, Acessibilidades e Inclusão em Museus de Arte.** Vol. 7. Coleção Estudos de Museus. Casal de Cambra: Caleidoscópio e Direção-Geral do Patrimônio Cultural, 2017.

TOMAZ, Marina Vargas. Além da visão: mediações na experiência estética. 2016. **Dissertação (Mestrado em Artes)** - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

# Mini bio



## Taiane Fernandes

---

Bacharel em Artes Visuais com habilitação em Artes Gráficas pela UFMG e Licenciatura em Artes Visuais pela UEMG. Atua na área de mediação cultural a 10 anos em instituições como Fundação Clóvis Salgado, Museu da Pampulha e INHOTIM. Atualmente atua com Arte Educadora da Casa Fiat de Cultura e responsável pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do Programa Educativo.

# Resumo do capítulo 5

**Acessibilidade visual na pintura: peças de reproduções em 3D. Um relato da minha experiência durante a exposição São Francisco na Arte de Mestres Italianos na Casa Fiat de Cultura (2018).**

Taiane Fernandes da Costa Arantes

O artigo é um relato sobre as peças de acessibilidade produzidas para a exposição São Francisco de Assis, na Arte de Mestre Italianos em agosto de 2018 a Casa Fiat de Cultura. Mostra inédita vinda da Itália, com pinturas do século XV até o século XVIII. Nesta exposição tivemos oportunidade de aprofundar no universo da acessibilidade de maneira ampla, mesclando várias técnicas para atender todos os públicos. O objetivo da construção das peças de acessibilidade veio da necessidade de ter recursos e ferramentas de apoio à mediação que fossem além da reprodução tátil. Para isso foram produzidas três peças a partir de pinturas chaves, São Francisco de Assis e Quatro Flagelantes, 1499, do pintor Perugino (C.1446/1452 – 1523), São Francisco Recebe os Estigmas, séc. XVI, de Tiziano Vecellio (C.1480/1485 – 1576) e São Francisco de Assis, Santo Antônio de Pádua e São Boaventura de Bagnoregio, s/d, do artista Andrea Lilio (1570 – PÓS-1631), onde trabalhamos conceitos artísticos, como composição, perspectiva e o jogo de luz e sombra. A concepção do projeto foi do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do Programa Educativo da Casa Fiat de Cultura e produzidas em uma parceria com o FCA Design Center.



Aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado e visualize a tradução em LIBRAS do resumo desse capítulo



Acesse a narração do resumo desse capítulo.



# Acessibilidade Visual na Pintura: Peças de Reproduções em 3D

**Um relato da minha experiência durante a exposição São Francisco na Arte de Mestres Italianos na Casa Fiat de Cultura (2018).**

*Taiane Fernandes da Costa Arantes*

Em 2016, o Programa Educativo da Casa Fiat de Cultura começou um processo de reestruturação, passando a ter uma equipe fixa. Antes disso, as equipes eram terceirizadas e contratadas por projetos. Esse movimento foi essencial e permitiu a continuidade de projetos educativos de longo prazo. Dentro dessa renovação foi criado o Núcleo de Acessibilidades e Inclusão.

O Núcleo trabalha conceito contemporâneo e ampliado de acessibilidade inclusão. Isso significa implementação de propostas de ações amplas, para pessoas com necessidades específicas em diálogo com o público regular.

O desafio inerente à abordagem proposta pelo Design Universal deve ser entendido como uma inspiração para um bom projeto e não como um constrangimento sendo a universalidade de utilização um limite inatingível que ao ser perseguido promove um processo de melhoramento continuado do mundo construído. (FALCATO SIMÕES, Jorge; BISPO, Renato. 2003)

Em agosto de 2018 a Casa Fiat de Cultura recebeu a exposição São Francisco na Arte de Mestres Italianos, inédita e vinda da Itália, com pinturas desde o século XV até o século XVIII, tendo como tema central a figura São Francisco de Assis.

Nesta exposição tivemos a oportunidade de aprofundar nossos trabalhos e pesquisas no universo da acessibilidade de maneira ampla, mesclando várias técnicas para atender a todos os públicos. A ideia da construção das peças de acessibilidade veio da necessidade de ter recursos e ferramentas de apoio à mediação que fossem além da reprodução tátil. Para

isso foram produzidas três peças (FIGURA 1) a partir de pinturas representativas de cada núcleo da exposição, onde trabalhamos conceitos artísticos como composição, perspectiva e o jogo de luz e sombra.

A primeira peça foi construída a partir da obra São Francisco de Assis e Quatro Flagelantes, 1499, do pintor Perugino (C.1446/1452 – 1523). Demos destaque à composição triangular. São Francisco é a figura central, e os seus seguidores, os flagelantes, estão nas laterais de forma simétrica, mas também destacando a iconografia franciscana, assim como na pintura original, o livro e a cruz.

A segunda peça foi pensada a partir da obra São Francisco Recebe os Estigmas, séc. XVI, de Tiziano Vecellio (C.1480/1485 – 1576). Trabalhamos o jogo retórico de perspectiva. O relevo foi criado de forma que o tato siga o caminho de leitura proposta pelo artista, a partir da figura de Cristo e passando por São Francisco recebendo as chagas até chegar no patrono (encomendador da obra).

A terceira e última peça reproduz a obra São Francisco de Assis, Santo Antônio de Pádua e São Boaventura de Bagnoregio, s/d, do artista Andrea Lilio (1570 – PÓS-1631). É uma obra com muitas características do Barroco, como o drama, movimento do corpo e o jogo da luz e sombra. A pintura dá destaque os ícones de cada santo: São Francisco, as chagas nas mãos e pés; Santo Antônio, o lírio e o terço; São Boaventura, que está atrás, observando os dois e escrevendo no livro; ao fundo, a cruz e a paisagem nesta ordem. A ideia foi de criar o relevo para destacar o que “salta aos olhos” que são as partes mais claras da pintura, os pontos de luz.

As peças táteis foram acompanhadas de mp3 com audiodescrição das pinturas originais e cadernos auxiliares contendo informações complementares como legenda em Braille (FIGURA 2) e tinta com tamanho ampliado, imagens em cores saturadas, destaque do conceito artístico trabalhado em barbante ou acetato. O propósito dos cadernos auxiliares era dar autonomia ao visitante.

A projeto foi idealizado pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do Programa Educativo da Casa Fiat de Cultura e as peças foram produzidas em uma parceria com o FCA Design Center, localizado dentro da planta da fábrica da Fiat em Betim, MG, mesmo local em que são produzidos aos protótipos dos carros.

A peças foram acessadas por mais de 400 pessoas com necessidades específicas em um período de dois meses e meio de exposição. Deste total, tivemos: 134 crianças; 197 jovens; 107 adultos e idosos.

Mesmo após o encerramento da exposição São Francisco na Arte de Mestre Italianos, a Casa Fiat de Cultura continua disponibilizando as peças, juntamente com os cadernos auxiliares, para apreciação em suas dependências e sob demanda para todos os públicos.

O Programa Educativo da Casa Fiat de Cultura trabalha suas ações a partir do diálogo



contínuo com seus visitantes. A experiência desenvolvida pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão na exposição São Francisco na Arte de Mestre Italianos ampliou nossa percepção das possibilidades de mediação de conceitos das Artes Visuais para público cego. A partir das ações implementadas durante a exposição, desenvolvemos o Minicurso Desenho Cego e Pintura Acessível e a Formação de Professores: Práticas Acessíveis em Artes Visuais (FIGURA 3).

As propostas foram idealizadas para público reduzido, com foco em resultados de excelência, que pudessem indicar caminhos para a experimentação acessível em práticas de Artes Visuais. A atividade proposta a seguir é um recorte dessas ações.

## Roteiro Educativo

### Desenho Livre

**Objetivos:** A proposta é tornar acessível à pessoa com deficiência visual a prática de produção em Artes Visuais por meio de estratégias táteis e experimentações. Barbantes substituem traços e o giz de cera ajuda na frotagem.

**Público pretendido e número de participantes:** Cegos, baixa visão ou pessoas vendadas. 4 a 8 pessoas.

**Temática trabalhada:** Desenho

**Duração da atividade:** 45min a 1hora

**Materiais utilizados:** barbante, tesoura, fita crepe, papelão, papel sulfite e giz de cera.

**Pessoas envolvidas:** 2 ou mais educadores

**Formas de registro da atividade:** fotografias e relatórios em formato de depoimentos em vídeo.

A proposta é que cada participante utilize o barbante para fazer um desenho no papelão (ou papel com maior gramatura). Ele deverá ser menor ou do mesmo tamanho do papel sulfite e afixando com a fita crepe nos pontos onde o participante achar necessário. A composição poderá ser feita com uma linha única do barbante ou com vários pedaços. Ao concluir essa etapa certifique-se de que todas as pontas estão presas no papel.

Em seguida coloque o papel sulfite em cima do desenho e prenda as extremidades com a fita crepe para que não saia do lugar. Depois com o lado maior do giz passe por cima, friccionando levemente o papel. O giz irá marcar onde está o relevo do barbante. Nessa etapa podem ser utilizadas várias cores. Para finalizar basta soltar as laterais e o desenho estará pronto.

Como o giz deixa a textura diferente no papel, é interessante que os resultados sejam compartilhados entre os participantes no momento da conclusão para apreciação tátil.



Fig. 1. Peças Táteis.

Descrição da imagem: Fotografia horizontal de três peças táteis com relevo de imagens com cenas religiosas. As peças são marrons, confeccionadas em resina esculpida e lixada à mão. Estão dispostas de pé, lado a lado. A da esquerda em formato vertical é maior que as outras e retrata a imagem de uma figura humana de pé, que usa vestido ou túnica longa. Há uma cruz na fixada na sua vestimenta na altura do peito. Segura uma caixa. Atrás dela há silhuetas de pessoas ajoelhadas e mãos postas em frente ao peito.

A peça que está no centro tem formato vertical e é arredondada em cima. Na parte a esquerda superior em relevo, há uma figura humana usando vestimenta comprida. Está com os braços abertos na altura do peito com as palmas das mãos para cima e olha em direção ao alto. Na parte inferior a esquerda, há outra figura humana ajoelhada e mãos postas na altura do peito.

Na peça da direita em formato vertical há duas figuras humanas no centro da cena. Usam túnicas e estão com os rostos próximos aparentando conversar. Há outros elementos na cena em volta destas figuras que não são possíveis de identificar.

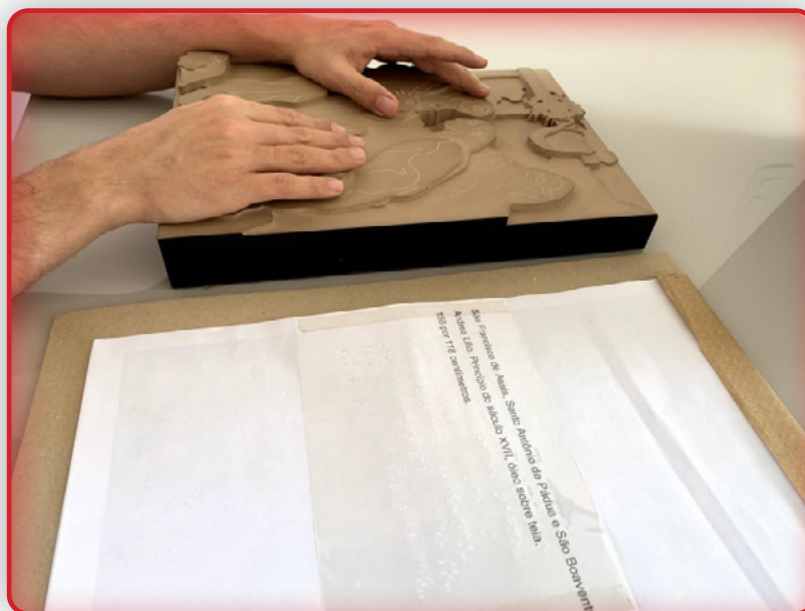


Fig. 2. Apreciação Tátil, 2020.

Descrição da imagem: Fotografia em plano fechado das mãos de alguém que toca na peça com as duas figuras que conversam. A peça está disposta deitada sobre a mesa. Ao lado há um texto em tinta onde se lê: São Francisco de Assis, Santo Antônio de Pádua e São Boaventura. Há ainda outras informações ilegíveis.

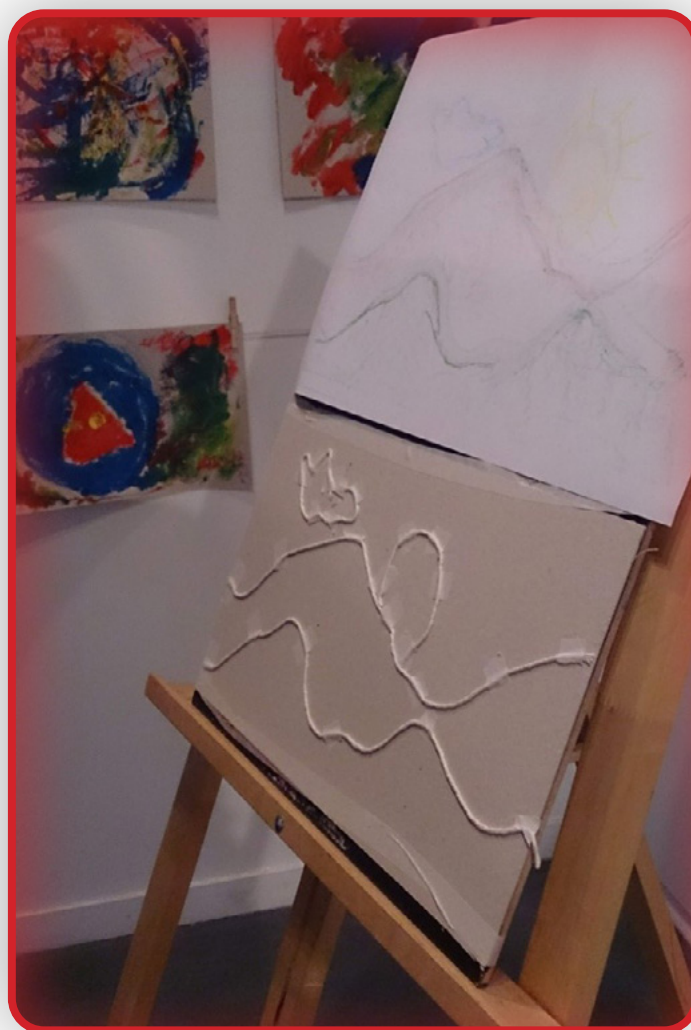


Fig. 3. Resultados do Minicurso de Desenho Cego e Pintura Acessível, 2018.

Descrição da imagem: Fotografia de um cavalete de madeira com uma pintura em papel apoiada sobre uma tela. No papel há o desenho em lápis de cor de montanhas, sol e nuvem. Logo abaixo, as mesmas formas do desenho foram reproduzidas usando barbante colado sobre a tela.

## Referências bibliográficas:

FALCATO SIMÕES, Jorge; BISPO, Renato. Design inclusivo: acessibilidade e usabilidade em produtos, serviços e ambientes. **Manual de apoio às ações de formação do projecto Design Inclusivo**, Prefeitura de Lisboa, Portugal, 2003.

MARCHI, Sandra Regina. **Tese: Design Universal de Código de Cores Tátil: Contribuição de Acessibilidade para Pessoas com Deficiência Visual**. {[http://www.prppg.ufpr.br/pgmec/wp-content/uploads/2019/06/tese\\_066\\_Sandra-Marchi.pdf](http://www.prppg.ufpr.br/pgmec/wp-content/uploads/2019/06/tese_066_Sandra-Marchi.pdf)}

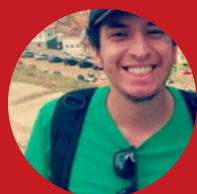
MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia (orgs). **Exercício de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

# Mini bio



**Suely Monteiro**

Graduada em História, pela Universidade Federal de Minas Gerais, e pós-graduada em Gestão do Patrimônio Histórico pela mesma instituição. Há mais de 13 anos atuando em instituições museais, há 10 anos trabalha no MM Gerdau Museu das Minas e do Metal, ocupando o cargo de coordenação do setor Educativo desde 2014.



**Henrique Sena  
Guimarães Lopes**

É graduado em História Licenciatura e Bacharelado pela UFMG e pós-graduado em Metodologia do Ensino de História e Geografia (Faculdade Metropolitana). Participou da elaboração, pesquisa, concepção e planejamento de práticas educativas em museus de Belo Horizonte. Atualmente realiza estas atividades no MM Gerdau Museu das Minas e do Metal.



**David Bruno  
Vieira da Silva**

É bacharel em Geografia pela UFMG. Atua profissionalmente na educação museal há mais de dez anos. No MM Gerdau Museu das Minas e do Metal, é um dos responsáveis pelo planejamento e desenvolvimento das ações educativas oferecidas ao público.



**Guilherme  
Borges Leão**

Possui licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atuou na educação básica ministrando aulas e oficinas. Atualmente trabalha no MM Gerdau Museu das Minas e do Metal no planejamento e desenvolvimento de ações educativas em espaços de educação não formal.



**Luana Pereira de  
Oliveira Rodrigues  
Trindade**

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas-PUC Minas São Gabriel e Pós-Graduada em LIBRAS-TILS Tradução e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais - IPEMIG/ISEAT. Atualmente trabalha no MM Gerdau Museu das Minas e do Metal no desenvolvimento de ações educativas.

# Resumo do capítulo 6

## Marcas e vestígios: relatos de experiências em mediações na oficina “Fósseis: do mar à conquista da terra”

Suely Ribeiro Monteiro, Henrique Sena Guimarães Lopes, David Bruno Silva, Guilherme Borges Leão e Luana P. de O. Rodrigues Trindade

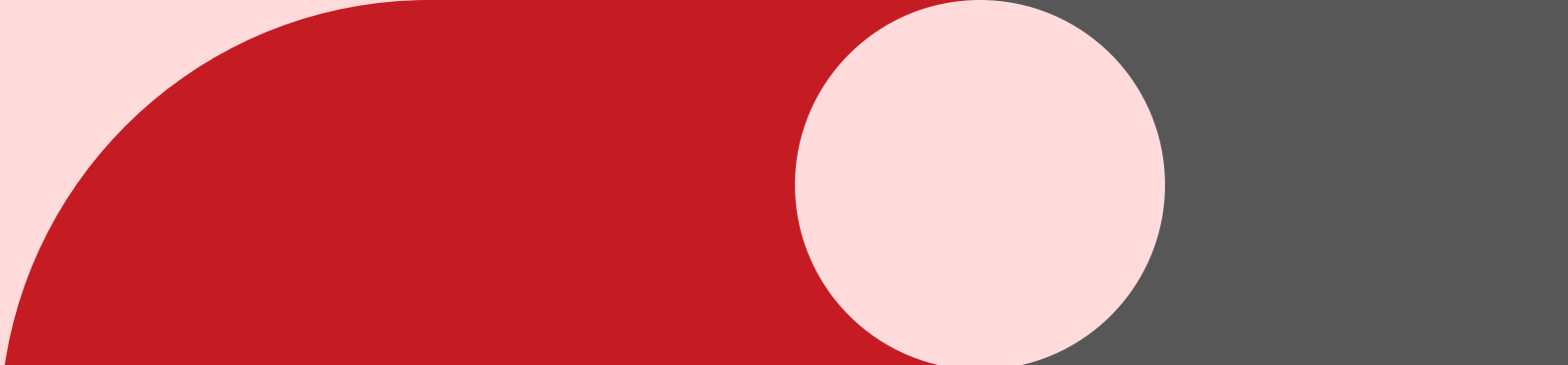
O MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal realizou em 2019 a exposição itinerante “Fósseis: do mar à conquista da terra”. Os preceitos de democratização do conhecimento científico sobre o patrimônio paleontológico brasileiro e acessibilidade universal direcionaram as curadorias do acervo, do projeto expográfico e também das ações educativas. Esse artigo aborda uma das atividades realizadas pelo Educativo, a “Oficina de produção de réplicas de fósseis”, e compartilha as experiências dos educadores nos processos de elaboração e mediação junto aos visitantes.



Acesse a narração do resumo desse capítulo.



Aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado e visualize a tradução em LIBRAS do resumo desse capítulo



# Marcas e vestígios: relatos de experiências em mediações na oficina “Fósseis: do mar à conquista da terra”

*Suely Ribeiro Monteiro, Henrique Sena Guimarães Lopes, David Bruno Silva, Guilherme Borges Leão e Luana P. de O. Rodrigues Trindade*

## **Introdução**

O MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal integra o Circuito Cultural Praça da Liberdade, importante corredor cultural da cidade de Belo Horizonte. Aberto ao público em 2010, contando com um importante acervo mineral e valendo-se de dispositivos tecnológicos digitais como sua principal linguagem expográfica, o Museu propõe abordagens múltiplas acerca do universo da mineração e da metalurgia, desvelando duas das principais atividades econômicas de Minas Gerais, com determinante impacto em sua formação sociocultural.

A instituição conta com um núcleo educativo responsável pelo atendimento ao público, que tem como diretriz atuar proativamente na divulgação e popularização da ciência e da tecnologia, fortalecendo laços identitários e valorizando a diversidade.

Alinhado a tais premissas, o museu realizou em 2019 a exposição “Fósseis: do mar à conquista da terra” (Figura 1) com o intuito de difundir o conhecimento científico sobre o valioso patrimônio paleontológico brasileiro. As diretrizes de acessibilidade universal nortearam a sua curadoria de acervo e o seu projeto expográfico, bem como as ações educativas construídas para a sua mediação. Dentre tais atividades, foi desenvolvida uma oficina acessível de produção de réplicas de fósseis, de mesmo título da exposição.

Este artigo possui o objetivo de relatar as experiências dos educadores deste museu nos processos de elaboração e de realização desta oficina junto aos visitantes. Para tal construção, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os educadores, consultas a relatórios de atendimentos e demais documentos afins ao projeto. Todo este processo foi embasado na Matriz FOFA (forças, oportunidades, fraquezas, ameaças) (GOMIDE; SCHÜTZ; CARVALHO; CÂMARA, 2015).

## Metodologia

Com a finalidade de aprofundar as discussões sobre as experiências de mediações das ações educativas na oficina “Fósseis: do mar à conquista da terra”, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada e realizamos um encontro com os educadores do setor Educativo, visto que:

[...] a entrevista semi-estruturada é uma das formas para coletar dados. Ela se insere em um espectro conceitual maior que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta. Nesse sentido, para nós, a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social (MANZINI, 2004, p. 09).

As perguntas elencadas possuíam o objetivo de atingir diversidade de descrições e análises sobre o processo estudado. Ao longo da entrevista, elaboramos uma Matriz FOFA a fim de identificar qualitativamente as diferentes estratégias de mediação, os principais desafios e analisar possíveis melhorias.

Para realizar a composição da entrevista, formatar e analisar a Matriz FOFA, bem como investigar de modo crítico as mediações executadas, realizamos estudos de documentos internos, como fichas de feedbacks, cartas enviadas por visitantes, planilhas e relatórios individuais e coletivos produzidos pelo setor. Todos esses documentos perpassam atendimentos espontâneos e agendados.

### A exposição “Fósseis: do mar à conquista da terra”

Restos de organismos vivos que viveram há milhões de anos, assim como seus vestígios, podem se transformar em fósseis. No entanto, a fossilização é um fenômeno raro e complexo, acontecendo em condições ambientais singulares e com processos físico-químicos específicos. A conservação, preservação, exposição e mediação de acervos fossilíferos possibilitam releituras da história do planeta, bem como discussões sobre teorias científicas que perpassam a história da vida na Terra e o processo de evolução dos organismos vivos.

Tal exposição abarca três ambientes significativos para a evolução desses seres: mar primitivo, pântano e floresta. Além disso, um recorte específico do território brasileiro também foi inserido, a Chapada do Araripe. A exposição revela como a vida se expandiu desde a Era Paleozóica (do grego palaeo, antiga e zoe, vida), em torno de 500 milhões de anos atrás, dos mares primitivos até o domínio terrestre com os primeiros peixes-anfíbios, depois anfíbios e a evolução para os répteis com a presença de grandes grupos de invertebrados.



Fig. 1. Fotografia da exposição “Fósseis: do mar à conquista da terra”, exibida entre junho de 2019 e janeiro de 2020, nas cidades de Belo Horizonte, Araxá e Ouro Branco. Fonte: Acervo MM Gerda.

**Descrição da imagem:** Fotografia horizontal em plano aberto de uma sala de exposição com paredes brancas e quatro janelas de madeira antigas na parede do fundo e piso de pedra. Junto às paredes há várias mesas expositivas e totens com informações em texto. Sobre as mesas expositivas, há amostras de fósseis. Bem no centro da sala, há outro conjunto de mesinhas expositivas e totem com texto. Um piso tátil em amarelo no chão percorre o trajeto pela exposição. No teto da sala, há um telão circular com uma imagem projetada. À esquerda da foto, há um monitor de televisão com a imagem de um intérprete de Libras.

Os quatro ambientes citados acima foram representados em expositores produzidos nas dimensões recomendadas pela NBR 9050 (ABNT, 2015), que estabelece critérios e parâmetros técnicos relativos à acessibilidade de edificações e mobiliários, dentre outros. Os textos escritos foram traduzidos em Libras, transcritos em Braille e gravados em áudio. Amostras táteis (Figura 3) foram acompanhadas por audiodescrição. Para auxiliar no processo de curadoria do acervo, produção da audiodescrição e revisão das legendas em Braille, foi contratada uma consultoria com três pessoas cegas: Alexandre Alves, formado em Letras; Íris de Abreu, Pedagoga; e Vera Lúcia de Abreu, visitante assídua de espaços culturais.

## A oficina “Fósseis: do mar à conquista da terra”

Acompanhando o trabalho dos consultores, a equipe do Educativo percebeu que o interesse deles nas amostras de trilobitas era recorrente, tanto por causa de sua forma segmentada, com linhas marcantes ao longo de seu corpo, que ajudavam na compreensão do objeto, quanto pela história geológica e possíveis diálogos oriundos dessas. Com base nestas experiências e percepções dos consultores, optou-se por utilizar moldes deste fóssil na oficina (Figura 2). Trata-se de um artrópode popularmente conhecido como “baratinha



do mar”, um fóssil guia da Era Paleozóica.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, as abordagens geológicas e paleontológicas fazem parte do conteúdo de Ciências trabalhado em todos os níveis da Educação Básica no Brasil – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Para Mello, Mello e Torello (2005), não podemos negligenciar a complexidade da Paleontologia, advinda de seu caráter integrador, em diversos ramos do conhecimento científico (biologia, geologia, informática, entre outros). Daí, a importância de exposições e ações educativas que tornem o tema mais palatável e acessível a todos os públicos.

Dentro desse contexto, o setor Educativo planejou e executou diversas ações com o público agendado e espontâneo, discutindo sobre conceitos pertinentes aos processos de fossilização e ao patrimônio geológico brasileiro. Desenvolvemos contações de histórias, dinâmicas, oficinas e visitas mediadas.

A oficina supracitada foi desenvolvida na perspectiva de praticar a acessibilidade e inclusão, bem como promover a integração e participação de todas as pessoas. Assim, disponibilizaram-se algumas réplicas para manuseio dos visitantes: trilobita, amonita, pegada de anfíbio, esqueleto de mesossauro e pata de pterossauro; além de fósseis originais de peixes; madeira fossilizada e âmbar; também diversas amostras minerais que contribuíram para o entendimento dos processos de fossilização.

Para uma primeira oficina, foi pensada na utilização de gesso. Esse era misturado com a água e colocado em moldes de silicone, produzidos pela própria equipe do Educativo, até preencher toda a superfície. Durante o tempo de secagem do gesso, cerca de 10 minutos, os educadores estimulavam conversas com o auxílio dos materiais didáticos selecionados. Essas trocas, entre educador e visitante, produziram interessantes questionamentos e reflexões sobre o assunto.

Ao oferecer a mesma oficina em diferentes momentos, atentou-se para o excesso de material descartado e o tempo total da aplicação, cerca de uma hora, o que limitava o atendimento de outras pessoas interessadas na oficina. Outro fator relevante foi a fragilidade do material, pois o gesso quebra-se facilmente. Optou-se, então, pela substituição do gesso por massa de biscuit. Após preencher o molde de silicone com o biscuit, era necessário aguardar menos de dez segundos para desenformá-lo. Oferecia-se a possibilidade de transformar a réplica em um chaveiro, com a adição de uma argola metálica. O pequeno souvenir, produzido pelo próprio visitante, tornou-se um estímulo a mais em todo o processo. Portanto, a substituição do gesso pela massa de modelar tornou o processo mais simples e eficiente.



Fig. 2. Modelo de réplica de trilobita em biscuit, produto final da oficina. Fonte: Acervo MM Gerda.

**Descrição da imagem:** Fotografia horizontal das mãos de uma pessoa que segura com a direita o molde em silicone azul com o formato de um trilobita. Trilobitas ou trilobites são artrópodes característicos do Paleozóico, conhecidos apenas através do registro fóssil. O grupo, classificado na classe Trilobita, é exclusivo de ambientes marinhos. Com a mão esquerda, a pessoa segura a réplica do trilobita feita em biscuit. Biscuit é a massa de modelar produzida a partir da mistura de amido de milho, cola branca para porcelana fria. A trilobita possui formato que se assemelha a cascudo com o dorso alongado e ondulado e muitas perninhas ao longo do dorso. Presos à réplica, há uma correntinha e um anel circular de modo que a réplica pode ser usada como chaveiro.

Para Sarraf (2008), a acessibilidade tem a capacidade de beneficiar todos os públicos que frequentam o museu, para que tais espaços se tornem referência na dinâmica social contemporânea, respeitando a diversidade, acolhendo e oferecendo recursos para facilitar a permanência dos visitantes em suas dependências. Tendo como norte essa premissa, as ações educativas desenvolvidas para a exposição alcançaram os diversos públicos que a visitaram.



Fig. 3. Visitante cego experienciando amostras táteis do ambiente “Mar primitivo”. Fonte: Acervo MM Gerdau.

**Descrição da imagem:** Fotografia vertical de um senhor usando camisa amarela e calça cinza com cabelos brancos, calvo no topo da cabeça. Ele está com o tronco levemente inclinado para frente e toca com as duas mãos um fóssil em relevo marrom. Ao fundo há o ambiente da exposição com pessoas e um monitor de televisão.

Entre junho de 2019 e janeiro de 2020, tal exposição itinerou pelas cidades mineiras de Belo Horizonte, Araxá e Ouro Branco. Sendo inaugurada em Belo Horizonte, esteve exposta no MM Gerdau, no período de junho a setembro de 2019. Neste período, recebeu 23.5 mil pessoas, entre visitantes espontâneos e grupos agendados, dentre eles a Fundação Olhos d'Alma, de Conselheiro Lafaiete – MG, instituição voltada para pessoas com deficiência visual.

O grupo era composto por pessoas com idades variadas, desde crianças a idosos, e com demandas diversas em relação à mobilidade e à comunicação. Este público exigiu diferentes recursos didático-pedagógicos e de acessibilidade, como comunicação em Libras, acompanhamento de pessoas cegas ou com baixa visão, adequação do volume da voz e descrição dos espaços expositivos.

A visita iniciou-se com o “acolhimento”, importante momento de aproximação entre visitantes e educadores. Logo após, divididos em grupos menores, visitaram a exposição e exploraram os recursos acessíveis disponíveis. Nesse momento, foi possível perceber a importância da tecnologia assistiva para a experiência daquelas pessoas.

Para realização da oficina, todos os materiais foram posicionados de modo padronizado, por exemplo: copo e gesso à esquerda, água à direita, copo vazio e colher ao centro. Tal organização facilitou a execução, autonomia e acessibilidade para os participantes.

A primeira cidade do interior mineiro contemplada pela itinerância foi Araxá, em outubro de 2019. O Teatro Municipal, cuja edificação é acessível, foi o local escolhido para abrigar a exposição. Ainda no mês de setembro, durante o processo de preparação desta itinerância, o Educativo realizou um levantamento das instituições escolares e ONG's da cidade a fim de apresentar a exposição e convidá-las à visita.

Atendendo ao nosso convite, a APAE-Araxá, a FADA – Associação de Assistência à Pessoa com Deficiência de Araxá e o Recanto do Idoso São Vicente de Paulo visitaram a exposição e realizaram a oficina de fósseis. Recebemos também outros visitantes espontâneos que necessitavam de algum tipo de acessibilidade, sendo 151 pessoas, de um total de 2.064 visitantes.

Vários destes visitantes fizeram comentários sobre a possibilidade de toque no acervo (réplicas, fósseis e minerais) e a sua importância para experiências sensoriais, visto que isso nem sempre é factível em exposições museais. Lupas foram utilizadas com a finalidade de observar detalhes dos minerais e auxiliar na visualização das amostras. Minerais que possuem gosto, como a halita, também foram utilizados para proporcionar outra forma de interação com o acervo. Outros relatos versaram sobre a dinâmica de realização da oficina, a mediação dos educadores com vocabulários e exemplos acessíveis. Desse modo, surdos, cegos, pessoas com mobilidade reduzida e idosos colaboraram intensamente com sugestões e comentários para melhorias no espaço expositivo e de outras ações educativas das quais participaram.



Em sua itinerância pelo município de Ouro Branco, entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, um grupo do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) visitou a exposição e realizou a oficina de réplicas de fósseis. Também recebemos de forma espontânea pessoas com sofrimento mental, que recorrentemente voltavam à exposição para refazer a oficina, rever o acervo e conversar com os educadores. Nesse período, uma família com uma pessoa surda compareceu à exposição e realizou a oficina, eles elogiaram as propostas de acessibilidade e gostaram bastante de poder tocar em seres que viveram há milhões de anos. Sentiram-se confortáveis também com a presença de um educador fluente em Libras, para que o visitante possa realizar a visita no horário que lhe for conveniente, orientação seguida por este Educativo.

A exposição estava instalada na antiga Casa Paroquial, construída em 1759, que atualmente está sob a administração da Secretaria Municipal de Cultura. Apesar de ser uma edificação não acessível, foi perceptível o sentimento de pertencimento e apropriação daquele espaço pelos visitantes. Segue um comentário deixado por um visitante espontâneo em nosso livro de sugestões:

Excelente exposição! Muito bom o fato de ter acessibilidade às pessoas com deficiências. Henrique explicou muito bem, além de contribuir com comentários que acrescentaram ao meu conhecimento. Parabéns pela iniciativa. Data: 28/12/2019. Atividade: Visitaçã o e oficina de trilobita.

Durante o período de itinerância em Ouro Branco, atendemos um total de 1.811 pessoas, dentre elas, 111 demandaram algum tipo de acessibilidade nas visitasões.

## Considerações finais

Ao longo de todo o processo, foram desenvolvidas mediações que buscavam instigar os sentidos e se baseavam neles para comunicar, visto que isso poderia beneficiar um número maior de pessoas, por respeitar suas individualidades. Ao todo, 2.565 pessoas participaram desta oficina.

A atividade aqui apresentada passou por constante análise crítica e planejamento minucioso dos materiais e métodos utilizados, o que permitiu que suas abordagens fossem transformadas ao longo do tempo.

Um ponto importante a se considerar diz respeito à visitaçã o espontânea de pessoas com deficiências aos espaços culturais. Autoras como Sarraf (2013) e Suzuki (2018) analisam que, além das barreiras físicas e arquitetônicas, deve-se superar também barreiras atitudinais e comunicacionais.

Formações sobre inclusão e acessibilidade passaram a ser mais recorrentes com a equipe. No entanto, percebe-se que tanto as formações, quanto o processo de tornar o Museu acessível em todos os âmbitos precisam ser mais intensos. Nesse contexto, um ponto importante que ainda não se concretizou, mas ficou evidente com a consultoria contratada, é a ne-

cessidade de pessoas com deficiências para compor o quadro de funcionários do Museu.

A fim de possibilitar melhor fruição, participação dos visitantes e cumprir com o compromisso de potencializar a exposição como um lugar de experiências lúdicas e instigantes, de encontros e diálogos, de trocas e compartilhamentos, a oficina de réplicas, oferecida com metodologia e linguagem adequadas, contemplou os preceitos de acessibilidade e inclusão dos diversos públicos atendidos.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 9050: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2015.

GOMIDE, Marcia; SCHÜTZ, Gabriel Eduardo; CARVALHO, Marcia Aparecida Ribeiro de; CÂMARA, Volney de Magalhães. Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (Matriz FOFA) de uma Comunidade Ribeirinha Sul-Amazonica na perspectiva da Análise de Redes Sociais: aportes para a Atenção Básica à Saúde. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, Rio de Janeiro, 2015, p. 222-230. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cadsc/v23n3/1414-462X-cadsc-23-3-222.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. 10 p.

MELLO, Fernanda Torello de; MELLO, Luiz Henrique Cruz de; TORELLO, Maria Beatriz de Freitas. A Paleontologia na educação infantil: alfabetizando e construindo o conhecimento. **Revista Ciência & Educação**, v. 11, n. 3, p. 395-410, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n3/04.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

SARRAF, Viviane Panelli. A Comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para as pessoas com suas diferenças. Orientador: Norval Baitello Junior. PUC, 2013. 251 f. **Tese** (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4518/1/Viviane%20Panelli%20Sarraff.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

SARRAF, Viviane Panelli. Reabilitação do Museu: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade. Orientador: Martin Grossmann. USP, 2008. 180 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190204151118\\_reabilitac%C2%A7c%C2%A3o\\_do\\_museu\\_%C3%A2ae\\_polc%C2%ADticas\\_de\\_inclusc%C2%A3o\\_cultural\\_por\\_meio\\_da\\_acessibilidade\\_%C3%A2ae\\_dissertac%C2%A7c%C2%A3o\\_de\\_mestrado\\_de\\_viviane\\_panelli\\_sarraff.pdf](http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190204151118_reabilitac%C2%A7c%C2%A3o_do_museu_%C3%A2ae_polc%C2%ADticas_de_inclusc%C2%A3o_cultural_por_meio_da_acessibilidade_%C3%A2ae_dissertac%C2%A7c%C2%A3o_de_mestrado_de_viviane_panelli_sarraff.pdf). Acesso em: 19 out. 2020.

SUZUKI, A. M. C. Acessibilidade e mediação cultural: uma reflexão e aproximação entre concepções. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 14, n. 4, out./dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/11527/pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.



# Mini bio



## Dayseane Ferraz da Costa

---

Doutora em Antropologia. Mestre em História Social da Amazônia. Técnica em Gestão Cultural –Pesquisadora do Sistema Integrado de Museus e Memoriais da SECULT – Pa. Docente do Curso de Graduação em História da Universidade da Amazônia/ UNAMA.

# Resumo do capítulo 7

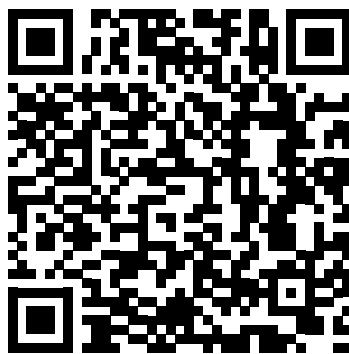
**Museus e Inclusão. A experiência do Sistema de Museus do Estado do Pará nas ações de acessibilidade.**

Dayseane Ferraz da Costa

O artigo intitulado “Museus e Inclusão – A experiência do Sistema de Museus do Estado do Pará nas ações de acessibilidade” traz um relato da experiência do Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIM/SECULT) em relação às ações de acessibilidade e de inclusão. São discutidas as iniciativas de gestores dos museus do Centro Histórico de Belém, os quais são gerenciados pelo SIM/SECULT em períodos diferentes da trajetória dessas instituições. Para tanto, este trabalho pontua marcos importantes que abarcam a experiência de criação e gestão dos museus; a política de acessibilidade no campo dos museus no Brasil; as ações recentes na políticas de acessibilidade vinculadas à gestão atual no Estado do Pará; por fim, a problematização da cidadania cultural e do direito à cultura, voltados para as pessoas com deficiência.

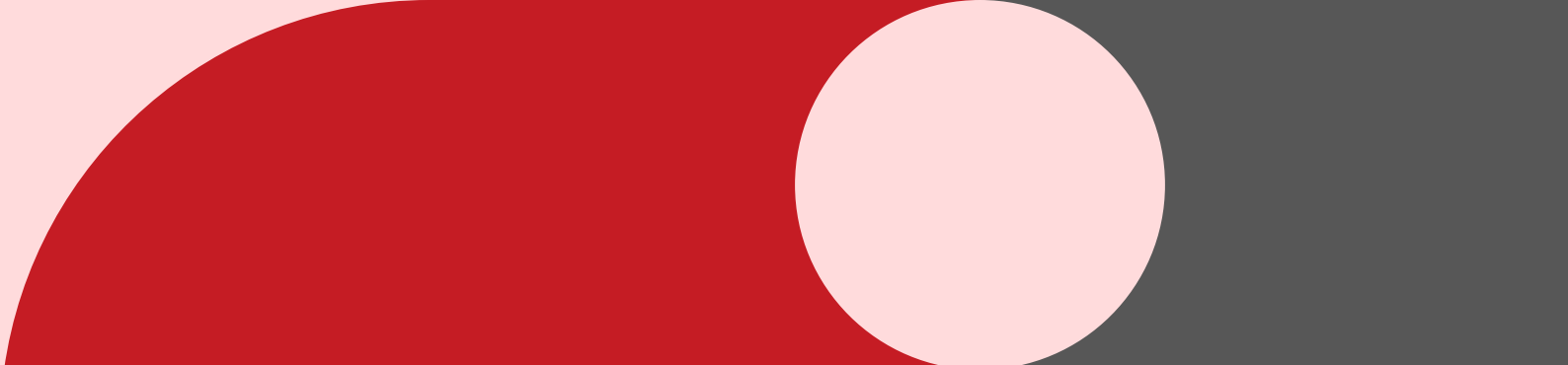


Acesse a narração do resumo desse capítulo.



Aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado e visualize a tradução em LIBRAS do resumo desse capítulo





# Museus e Inclusão

## A experiência do Sistema de Museus do Estado do Pará nas ações de acessibilidade.

Dayseane Ferraz da Costa

### **Apresentação**

O presente artigo faz um retrospecto acerca das experiências da gestão cultural no campo dos museus, com foco nas questões de acessibilidade e da inclusão, tendo por cenário as unidades museológicas gerenciadas pela Secretária de Estado de Cultura do Pará, por meio do Sistema Integrado de Museus e Memoriais. Para tanto, serão elencados alguns marcos importantes que abarcam a experiência de criação e gestão dos museus alocados no Centro Histórico de Belém; a política de acessibilidade no campo dos museus no Brasil; as ações recentes na políticas de acessibilidade vinculadas à gestão atual no Estado; por fim, a problematização da cidadania cultural e do direito à cultura, voltados para as pessoas com deficiência.

### **O SIM e as experiências embrionárias de acessibilidade nos museus do Estado do Pará**

A partir da década de 1990, o Centro Histórico de Belém do Pará passou por um processo de musealização de suas edificações antigas, como implementação do Projeto Feliz Lusitânia levado a cabo pelo Governo do Pará, por meio da sua Secretaria de Estado de Cultura (SECULT). O referido projeto buscou a restauração e adaptação para uso museológico do Forte do Castelo; do complexo arquitetônico jesuítico de Santo Alexandre (colégio e igreja); de um conjunto de oito casas geminadas e do prédio colonial que abrigou o antigo Hospital Militar da província do Grão Pará – todos eles foram adaptados para abrigar o Departamento de Patrimônio, museus, galerias, restaurante, com cuidadoso tratamento paisagístico no seu entorno.

Com o objetivo de gerenciar os museus recém-criados e os já existentes no organo-

grama da Secretaria de Estado de Cultura do Pará, foi criado o Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIM/SECULT). Coube ao SIM fomentar a política museológica no Estado do Pará, no âmbito da Secretaria de Estado de Cultura, sendo uma diretoria administrativa responsável pelos oito museus e os dois memoriais ligados à Secretaria de Estado de Cultura. As ações são desenvolvidas de maneira sistêmica e articuladas por coordenações ligadas ao SIM/SECULT. Assim, há na estrutura sistêmica a Coordenação de Preservação, Conservação e Restauração; a Coordenação de Curadoria e Comunicação Expositiva, a Coordenação de Educação e Extensão, a Coordenação de Infraestrutura e a Coordenação de Documentação e Pesquisa.

O gerenciamento sistêmico é uma experiência única e desafiadora, na medida em que significa salvaguardar entorno de 60 coleções que perpassam pela arte moderna, contemporânea, fotografia, peças arqueológicas, imaginária sacra, indumentária, acervos audiovisuais, equipamentos de ciência e tecnologia, artilharia, patrimônio bibliográfico e arquivístico, coleções de gemas e joias, acervos etnográficos de cultura popular, arquitetura naval. Desafio maior ainda tem sido oportunizar a acessibilidade a toda esta variedade de tipologias de acervos, abrigados em prédios antigos para pessoas com alguma deficiência, foco central da discussão aqui proposta.

A partir de 1998 até o ano de 2002 todos os equipamentos culturais acima citados, bem como o Sistema Integrado de Museus e Memoriais estavam prestando serviço à sociedade. Para bem desenvolver as ações socioeducativa e cultural dos bens musealizados foram realizados investimentos em capacitação das equipes atuantes nos espaços culturais. A primeira gestão do SIM, cuja direção foi ocupada pela arquiteta, artista plástica e museóloga Rosangela Britto até 2006, foi caracterizada por constantes capacitações profissionais com cursos e oficinas voltados para a conservação do patrimônio, educação patrimonial, museologia, dentre outros .

Em 2005, foi promovido pelo SIM o curso Formação em Acessibilidade e Ação Educativa Inclusiva, ministrado por Amanda Tojal , o que significou, por assim dizer, o processo embrionário das ações de acessibilidade nos museus do SIM/SECULT. Ao contextualizar tais ações Tojal, reitera a importância das mesmas em sua tese de doutoramento:

Exemplos dessas iniciativas já podem ser vistas, na implantação do Sistema Brasileiro de Museus, Sistema de Museus do Estado de São Paulo, Sistema Municipal de Museus (São Paulo), Sistema Estadual de Museus (SEM – Rio Grande do Sul), no SIM- Sistema Integrado de Museus (Pará), e também na Rede Portuguesa de Museus (RPM), sendo que a autora teve a oportunidade de participar desses dois últimos. Do primeiro, como docente ministrando um curso de Formação em Acessibilidade e Ação Educativa Inclusiva (a convite da diretora do SIM, Rosangela Britto), e do segundo, ao assistir uma palestra proferida pela coordenadora da RPM. (TOJAL, 2007, p. 260)



Pari passu foram sendo produzidos materiais multissensoriais para serem utilizados no atendimento às pessoas com deficiência, tais como réplicas de peças barrocas do acervo do Museu de Arte Sacra; obras de arte do Museu de Arte Contemporânea Casa das Onze Janelas; livros e folders em braile, falando dos acervos e do Programa Educar e Preservar, cujo um dos projetos era o Museu e os Portadores de Necessidades Especiais. A imagem do folder (FIGURA 1) utilizada neste artigo mostra como tais ações foram realizadas e difundidas ao público visitante dos museus do SIM. O projeto Interação Museu – Pessoas com Necessidades Especiais foi capitaneado pelo SIM e desenvolvido por sua Coordenação de Educação e Extensão junto com outros projetos.



Fig. 1: Folder sobre o Programa Educar e Preservar produzido para ampla circulação em 2005 nele é possível ver registros das ações de acessibilidade e a impressão de parte do material em braile. Acervo da autora.

**Descrição da imagem:** O Folder tem formato vertical. É repartido ao meio sendo que a metade da esquerda, com fundo verde claro, há textos em letras pretas e duas fotos. Na parte superior à esquerda: Governo do Estado do Pará / Secretaria Especial de Estado de Promoção Social / Secretaria executiva de Cultura / Sistema Integrado de museus e Memoriais. Logo abaixo: PROGRAMA. Abaixo, uma fotografia de grupo de adolescentes sentado em volta de uma mesa grande e retangular. Eles fazem pinturas, usando pincéis e tinta e canetas. Há material de pintura sobre a mesa. Abaixo da fotografia: EDUCAR E Abaixo, outra fotografia de um ambiente de exposição. Um senhor negro em uma cadeira de rodas observa um quadro grande e colorido na parede. Ele usa calça preta, camisa alaranjada e boné escuro. O quadro retrata um homem deitado sobre uma estrutura que se asseme-

lha a uma ponte com vegetação ao fundo. Atrás do senhor que observa, há outro quadro com uma pintura que retrata uma pessoa loira de pé. Há outros elementos nesta pintura que não são possíveis de serem identificados. Abaixo desta foto: PRESERVAR / Belém, - Pará, 2005. A parte direita do folder é inteiramente preenchido com uma fotografia de um senhor de óculos que toca com a mão direita um objeto redondo e grande pendurado no alto. Um homem que está atrás, conduz a mão do senhor para o objeto. O senhor usa blusa escura e o homem, camiseta branca e boné. Sobre esta imagem há pontos que correspondem a escrita em Braille.

Em retrospecto, sempre é válido ressaltar que ao iniciar minha atuação em espaços museológicos no ano de 2002, trabalhei no Museu do Forte do Presépio – antigo Forte do Castelo - no serviço educativo. Aquele foi um período extremamente significativo e de muito

aprendizado, pois orientávamos os grupos que visitavam o espaço, fossem eles grupos de pessoas com deficiência, ou não. Desta forma, todos se envolveram e aprenderam a superar suas próprias limitações.

### **Marcos Importantes para a democratização e o acesso aos museus:**

Quando ela é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou por onde for. Porque todos, todos temos algo a dizer uns aos outros.

**(Eduardo Galeano, 1995)**

A política pública de cultura voltada para acessibilidade nos museus, ligados ao SIM/SECULT, não ocorreu de maneira desvinculada de uma realidade mais ampla que marcou a trajetória das instituições museais no Brasil como um todo. Um avanço importante foi a Política Nacional de Museus, proposta a partir do ano de 2003. Nesse bojo, foram sedimentadas também as discussões acerca da cidadania cultural e do direito à cultura enquanto bandeiras presentes nos discursos do então ministro da cultura, Gilberto Gil (CALABRE, 2014, p.148).

Trazendo importantes reflexões para este debate, ao citar conceitos tão caros às políticas públicas de acessibilidade, vale reiterar que a cidadania diz respeito à prática de direito e deveres um indivíduo, sejam eles direitos, civis, políticos, sociais e a cultura como um desses direitos e seu pleno acesso às políticas públicas de cultura é o exercício da cidadania cultural (CHAUÍ, 2006, p. 67). Este é o desafio e o dever moral dos gestores culturais, de garantir o direito à informação, à fruição cultural, à produção cultural e à participação aos que estão excluídos.

O ano de 2007 trouxe ao público atuante nos museus e à sociedade em geral a edição da Política Nacional de Museus (PNM), gestada por cinco anos, definindo orientações e eixos programáticos para as instituições museais, bem como as ações do MinC para o setor. No tocante à democratização do acesso aos equipamentos culturais, a PNM deixou explícito que os pressupostos doravante adotados deveriam estabelecer e consolidar políticas públicas no campo do patrimônio cultural, da memória social e dos museus, visando à democratização das instituições e do acesso aos bens culturais (Política Nacional de Museus, 2007, p 24).

Nos caminhos percorridos para construir a acessibilidade no campo dos museus, temos importantes contribuições de pesquisadores, como trabalhos aqui reportados, e de materiais produzidos pelo Instituto Brasileiro de Museus. O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) foi criado em janeiro de 2009, com a assinatura da Lei nº 11.906, sucedendo o Departamento de Museus (DEMU/IPHAN) dando maior autonomia para as políticas públicas da área muse-

al. Acerca dos materiais produzidos destaca-se o volume 2 da série Cadernos Museológicos – Acessibilidade a Museus (2007), publicado em 2012, caderno conceitual e metodológico que instrumentaliza os profissionais que desenvolvem ações e projetos neste campo.

Afunilando novamente a análise para a realidade vivenciada nos museus do SIM/SECULT, vale frisar que as ações de inclusão e acessibilidade consolidadas até 2005, nos anos que se seguiram, ocorreram até 2019 de maneira esporádica, capitaneada pela Coordenação de Educação e extensão do Sistema. Some-se a isso, o fato de que o Museu Casa das Onze janelas, abrigado no Antigo Hospital Militar, mesmo abrigado em um prédio colonial do século XVIII, foi concebido para atender pessoas com deficiência. O espaço das Onze Janelas possui, desde sua inauguração em 2002, elevador de acessibilidade, rampas e cadeiras de rodas, o que sempre possibilitou atendimentos inclusivos.

A temática aqui tratada ganhou novo fôlego nos museus gerenciados pelo Governo do Estado do Pará, por meio da SECULT-Pa. A portaria nº 051, de 05 de janeiro de 2020 (SECULT- PA), ampliou a gratuidade nos museus do SIM. Antes, crianças de até 10 anos, idosos e PcD tinham livre acesso a esses espaços nos dias de funcionamento. Desde então professores, estudantes e crianças de até 12 anos também têm gratuidade permanente. Além disso, para a população em geral, além das terças feiras, o 1º domingo de cada mês também passou a ser gratuito.

A portaria da SECULT-Pa ainda instituiu o “Domingo da Acessibilidade e da Inclusão”, desde então foi definido que todo 2º domingo de cada mês os museus do SIM deveriam contar com serviços de intérpretes de Libras nos espaços. Já no mês seguinte a Secretaria de Cultura realizou evento para consolidar as a nova política, de acordo com a assessoria de imprensa, foi veiculada a seguinte chamada:

Secult realiza Diálogos Inclusivos para discutir acessibilidade nos museus:

A Secretaria de Estado de Cultura (Secult) realiza, no próximo domingo (9), a mesa Diálogos Inclusivos. A ação inicia às 10h, na Igreja Santo Alexandre, e propõe um momento de escuta da secretaria junto às pessoas com deficiência (PcD) para entender como tornar as programações dos museus ainda mais inclusivas. O bate-papo contará com a presença da secretária de Estado de Cultura, Úrsula Vidal, dos diretores e coordenadores que fazem parte do Sistema Integrado de Museus (SIM); de Aline Corrêa, profissional de audiodescrição; e três intérpretes de Libras.

Com envolvimento e empenho a direção do SIM/SECULT e de suas equipes técnicas, foi realizado dia 08 de março de 2020 o primeiro Domingo da Acessibilidade e da Inclusão. A atividade centrou os esforços na Igreja de Santo Alexandre – Museu de Arte Sacra. Ressalte-se aqui compromisso da Coordenação de Conservação e Restauração do SIM, que cuidadosamente escolheu peças adequadas para a percepção tátil das pessoas com deficiência visual (FIGURA 2). A experiência multissensorial permitiu ao público com deficiência,

participar de uma ação socioeducativa inclusiva com intérpretes de libras para os surdos e áudio descrição para os cegos e pessoas com baixa visão.



Fig.2 Legenda: visita na Igreja de Santo Alexandre no Museu de Arte Sacra como PcDV <https://agenciapara.com.br/noticia/18299/>. Acesso em 05/10/2020.

**Descrição da imagem:** Fotografia de quatro pessoas em volta de uma escultura de uma figura humana em madeira com aproximadamente 70 centímetros. A figura está com expressão triste e as mãos unidas em prece. Dois homens negros e uma mulher branca tocam a escultura. Ao fundo um rapaz branco olha para a lateral. O homem a esquerda usa óculos, tem cabelos encaracolados escuros e uma camisa xadrez em tons de branco, azul e vermelho e segura uma bengala. O homem da direita tem cabelos escuros, usa camisa jeans e segura uma bengala branca dobrável, embaixo do braço. A mulher, a esquerda, ao centro tem os cabelos lisos castanhos, os olhos fechados e usa blusa florida com fundo preto. O rapaz que observa usa óculos e camisa vermelha

O resultado desse novo momento deve ser visto, como já referido neste trabalho, como pleno exercício de cidadania cultural, pois os visitantes que participaram da ação conheceram não somente o museu, sua história e seu acervo, mas se apropriaram de um espaço que é de todos. É fundamental que gestores e profissionais do campo dos museus tenham por premissa que: a razão de ser de uma instituição museal não está no seu acervo, mas na sua relação ampla e irrestrita com a comunidade.

A pauta da acessibilidade e as ações que poderiam ser executadas de forma mais contínua, entretanto, foram de certa forma interrompidas, em função contexto da pandemia de COVID -19. Os museus ficaram fechados de março até julho para atendimento presencial ao público por decreto estadual referente às medidas de enfrentamento ao corona vírus. A demanda voltou com maior força a partir de julho de 2020, quando toda a diretoria dos museus e as coordenações envolvidas foram chamadas pensar novamente um progra-

ma permanente de acessibilidade – o que vem ocorrendo com ações de capacitação para os educadores, sobretudo para fazer áudio descrições, bem como com a criação da Sala dos Sentidos para atendimento do público.

## **A Sala dos Sentidos e o avanço do SIM/SECULT nas ações de atendimento inclusivo:**

O acesso cidadão aos bens culturais não se dá de modo natural. Trata-se de conquista, que se faz com lutas e enfrentamentos renovados. (Mário Chagas & Cláudia Storino, 2012.)

Entendo a “Sala dos sentidos” como uma experiência de exercício da cidadania e do direito à cultura, que como já reportado deve vista como política pública que assegura a participação e o acesso à fruição cultural para as pessoas com deficiência. Tal espaço é conquista resultante das demandas dos grupos sociais envolvidos neste campo da acessibilidade. Entende-se assim, que a Portaria nº 051 /2020 que instituiu no 2º domingo de cada mês o “Domingo da Acessibilidade e da Inclusão” é um reflexo da governabilidade, ou seja, do governo em ação para atender tais demandas.

A “Sala dos sentidos” está abrigada na Sacristia da Igreja de Santo Alexandre, e se constitui em um espaço de mediação cultural multissensorial, que traz uma mostra de acervos de todas as tipologias existentes nos museus do SIM/SECULT. A mediação na sala é feita de forma inclusiva para todos os visitantes, abarcando especialmente as pessoas com deficiência, por meio da possibilidade de áudio descrição e da percepção tátil dos objetos expostos. Objetos estes que dão conta das diversas dimensões do patrimônio cultural musealizado – material, imaterial, simbólico e afetivo, que é pertencente a toda sociedade.

A Sacristia da Igreja de Santo Alexandre, mesmo sendo um prédio antigo remanescente da presença jesuítica na Amazônia, foi o espaço escolhido para abrigar a Sala, pois fica no térreo minimizando os obstáculos à acessibilidade. O espaço é interligado ao jardim do Museu de Arte Sacra, possui nicho e vãos de janelas dentre outros elementos arquitetônicos que podem ser incluídos nas atividades com PcD. O acervo exposto e que pode ser tocado pelos visitantes inclui artefatos arqueológicos, imaginária sacra, equipamentos audiovisuais, ex-votos, arte contemporânea, molduras antigas, artilharia bélica, minérios e réplicas de embarcação. Cada uma das peças migradas para a Sala dos Sentidos pertence a um dos museus do Estado, aglutinar este acervo no mesmo lugar também facilita o conhecimento e a apropriação sobre os equipamentos culturais.

Atualmente, além da mostra de acervo que está em exposição permanente na Sala dos Sentidos, os outros museus do SIM/SECULT estão estruturando suas mostras neste contexto. Vídeos foram produzidos e difundidos falando das ações de inclusão nos museus do SIM/SECULT, mostrando que o trabalho iniciado desde a implantação do Sistema de Mu-

seus, caminha para avanços significativos na gestão atual da cultura no Estado . Destaco aqui, a Áudio descrição da sala da exposição Em cena: ex-votos de Nazaré, que foi montada na Cassa das Onze Janelas , cujos frames feitos para este artigo mostram as cenas do processo de áudio descrição de obras correlatas à festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que é patrimônio imaterial do Brasil.

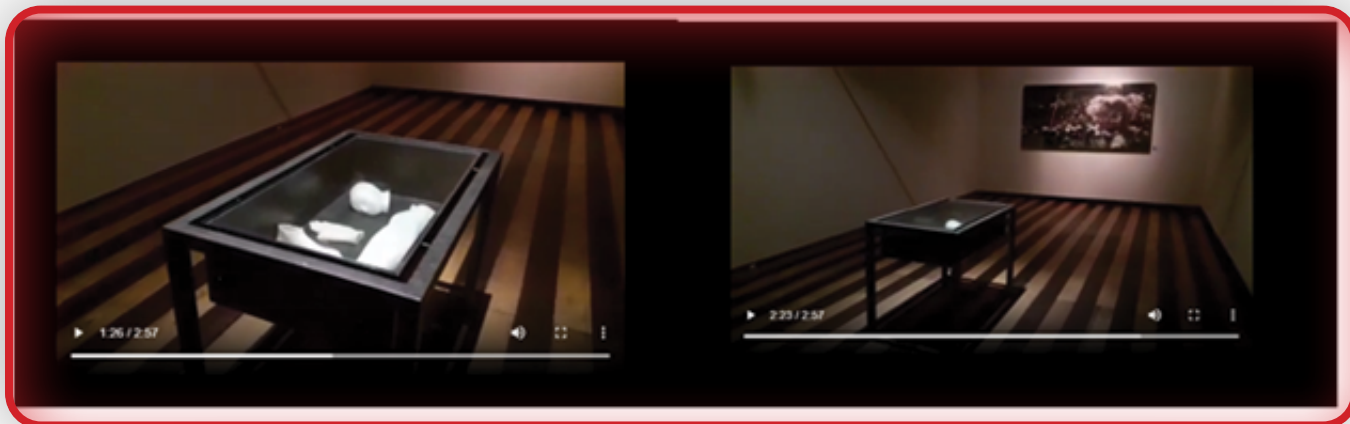


Fig. 3: Frame do vídeo de registro de áudio descrição da exposição Em cena: ex-votos de Nazaré/outubro de 2020. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=XLE4MR5\\_3TAA](https://www.youtube.com/watch?v=XLE4MR5_3TAA)Acesso em 14/10/2020.

**Descrição da imagem:** Duas fotografias lado a lado. Nas fotos a mesma sala de um ambiente de exposição com piso listrado em taboa corrida, em tons marrom mais claro e mais escuro. Na foto da esquerda há uma mesa expositora em metal escuro, com tampo de vidro na superfície. Dentro da mesa há cinco ex-votos em cera branca, representando partes de um corpo humano. Cabeça, perna, mão, pé e outro item não identificado. (O ex-voto é o presente dado pelo fiel ao seu santo de devoção em consagração, renovação ou agradecimento de uma promessa). Na foto da direita, do mesmo ambiente em plano mais aberto, há uma pintura fixada na parede ao fundo. Trata-se de uma tela grande de aproximadamente um metro de altura por dois metros de largura retratando a imagem de Nossa Senhora de Nazaré sendo carregada em meio a uma multidão de devotos. A pintura é predominantemente em tons marrom, cinza e branco.

Concluo as reflexões aqui trazidas, lembrando aos que se envolvem e abraçam a causa da acessibilidade, que é preciso saber que esta é uma luta contínua, assim como tantos temas sensíveis e urgentes que nossa sociedade contemporânea precisa superar e avançar para a construção de mundo melhor. Em consonância com as ideias de Amanda Tojal, é necessário partilhar da premissa de que o tema acessibilidade para o cidadão com deficiência PcDs e renova sempre, e tem caráter contínuo, em decorrência da própria complexidade das necessidades humanas. (TOJAL, 2017, p. 191).

O que se espera é que pessoas com deficiência, os idosos e tantos outros grupos expropriados de seus direitos, encontrem acolhimento e atendimento cada vez mais humanizados. Precisamos avançar e contemplar adequadamente a pluralidade e a diversidade de todos os grupos formadores da sociedade brasileira, neste sentido, gestores culturais de intuições públicas, ou privadas, têm papel decisivo.

Por fim, este artigo presentifica também os esforços de gestores, técnicos, educadores e pesquisadores que contribuíram ao seu tempo de atuação com as políticas de inclusão dos museus gerenciados pelo SIM/SECULT. Parafraseando Mário Chagas “há uma gota de sangue



em cada museu”, de esforço, de compromisso com a cultura e com cidadania cultural. Trabalhos desta natureza constroem nos lugares de memória, a importante memória institucional.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus**. Organização e textos, José do Nascimento Junior, Mário de Souza Chagas. – Brasília: MinC, 2007.

CALABRE, Lia. Política Cultural em tempos de democracia: a Era Lula. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 58, p.137-156, jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i58p137-156>. Acesso em: 13/09/2020.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural – O direito à Cultura**. São Paulo: Perseu Abramo. 2006.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane; BRASILEIRO, Alice. Acessibilidade a Museus. **Cardenos Museológicos – Vol. 2**. Brasília: MinC/IBRAM, 2012.

COSTA, Dayseane Ferraz. Quando o campo é o museu: uma etnografia da relação homem, tempo e os objetos na cidade de Belém. **Tese** (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2016.

TOJAL, Amanda. Políticas Públicas de Inclusão de Públicos Especiais em Museus. **Tese** (Doutorado em Ciências da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

# Mini bio

## Hilda Gomes



Bióloga, educadora e atual coordenadora da Seção de Formação do Serviço de Educação do Museu da Vida, Mestre em Educação (UFF). Integra o GT de Acessibilidade MV, os Comitês Fiocruz Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência e Pró-Equidade de Gênero e Raça. É docente dos cursos lato sensu, Divulgação e Popularização da Ciência/COC; Direitos Humanos, Acessibilidade e Inclusão do DHIS/ ENSP e Ciência, Arte e Cultura na Saúde/IOC.

## Felipe Monteiro



Consultor em acessibilidade cultural, audiodescrição e música

## Marina Baffini



Artista plástica, arte terapeuta e especialista em acessibilidade cultural.

## Graciela Pozzobon da Costa



Atriz, produtora cultural e audiodescritora.



## Jadson Abraão

Historiador, ator, intérprete de Libras, com Especialização em Acessibilidade Cultural(UFR) e Mestrado em Educação (UERJ).

# Resumo do capítulo 8

## O Teatro acessível colaborando para a formação de públicos

Hilda da Silva Gomes, Felipe Vieira Monteiro, Marina Baffini de Castro, Graciela Pozzobon da Costa, Jadson Abraão

O artigo apresenta as ações de acessibilidade que foram realizadas para a peça teatral “O Problemão da Banda Infinita”. A narrativa do espetáculo faz uso da matemática em seu enredo, conta a história de cinco amigos que integram uma banda e, prestes a apresentar um show, notam o sumiço de um instrumento. O elenco é bastante representativo nas questões de gênero, etnias e inclusão social, utilizando nas falas sinais em Libras e apresentando um personagem que usa cadeira de rodas. A acessibilidade ocorreu por meio da audiodescrição, peças táteis, intérpretes de Libras e com consultoria de profissionais com deficiência.



Acesse a narração do resumo desse capítulo.



Aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado e visualize a tradução em LIBRAS do resumo desse capítulo



# O Teatro acessível colaborando para a formação de públicos

*Hilda da Silva Gomes, Felipe Vieira Monteiro, Marina Baffini de Castro, Graciela Pozzobon da Costa, Jadson Abraão*

## Apresentação

O Museu da Vida (MV), iniciou em 2014, a concepção e desenvolvimento de ações educativas acessíveis. Estas ações contemplam vários aspectos e interfaces como: a criação de um grupo de trabalho dedicado à organização e definição de um planejamento estratégico de acordo com as especificidades de nosso museu, o estabelecimento de parcerias em projetos de instituições parceiras com experiência nesse campo, a formação e treinamento das equipes na dimensão da acessibilidade atitudinal, a concepção de exposições temporárias providas de recursos de tecnologia assistiva, a participação em eventos acadêmicos da área, a inserção de profissionais em cursos de pós-graduação para aprofundamento teórico, a submissão de projetos para captação de recursos externos, a implementação de um protocolo de acolhimento e agendamento de público de pessoas com deficiência, a contratação de intérpretes de Libras e bolsistas com deficiência auditiva, a presença da consultoria feita por profissionais com deficiência e a produção de peças teatrais. Todo esse esforço se fundamenta em princípios e valores que nos movem ao encontro dos pressupostos presentes na função social e educativa dos museus, nas diretrizes da Lei Brasileira de Inclusão (LBI/2015) e no escopo da Política Fiocruz para Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência (2017).

Este relato é referente ao trabalho de acessibilidade da peça “O problemão da Banda Infinita” com a inserção de recursos de acessibilidade para pessoas surdas, cegas e com baixa visão. A narrativa da peça<sup>1</sup> foi construída para público infantil (6 a 10 anos) e conta a história de cinco integrantes de uma banda que estão prestes a se apresentar num show. A situação central e que move o enredo é o sumiço de um instrumento. Para movimentar a trama, eles fazem uso da matemática e embarcam numa nave, desbravando mundos e

---

1 Peça criada pelo dramaturgo Rafael Souza-Ribeiro. Estreou em 2018 e ficou em cartaz até 2019.

esbarrando com personagens curiosos<sup>2</sup>. O texto também quis apresentar diversidade na equidade de gênero e raça, além de trazer um personagem representando um menino com mobilidade reduzida e que usa cadeira de rodas. Com a elaboração do Plano Museológico do Museu da Vida<sup>3</sup>, a acessibilidade passa assumir uma dimensão transversal e orgânica, oportuniza a ampliação do acesso aos diversos públicos e fomenta a necessidade de implementação de um Programa de Acessibilidade.

## **A fruição estética e cultural como direito das pessoas com deficiência**

Nessa ação educativa tínhamos um texto com um roteiro que destacava o trabalho colaborativo e a amizade na interação dos personagens, a proposta de desconstruir a ideia de que a matemática ‘é muito difícil’ e mostrá-la no cotidiano, com cenas recheadas de humor e músicas inspiradas em ritmos como o carimbó do Norte e o coco de roda do Nordeste. Como tornar o texto atraente e interessante para possibilitar a fruição estética e cultural de público composto por jovens e crianças surdas, cegas e com baixa visão? Um grande desafio estava posto! Com a organização de um planejamento estratégico iniciamos a primeira etapa do trabalho que foi a contratação de consultoria especializada. Precisávamos construir de forma coletiva as estratégias para a tradução e interpretação do texto da Língua Portuguesa para Libras, viabilizar a audiodescrição ao vivo incluindo o aluguel do equipamento, organizar ensaios com a participação dos intérpretes de Libras e de consultores surdos e cegos, convidar profissionais com deficiência para assistir aos ensaios e contribuir com suas observações, elaborar peças de comunicação e divulgação acessíveis além de planejar a agenda das apresentações e convidar os públicos.

Foi um trabalho intenso, muito significativo e um marco nos espetáculos teatrais do MV. Contamos com a experiência de Jadson Abraão e os intérpretes de Libras Tereza Cristina e Édécio Ambrósio, a consultoria do educador surdo Bruno Ramos e do educador cego Felipe Monteiro, o trabalho de audiodescrição realizado por Graciela Pozzobon, a confecção de modelos táteis representando os personagens produzidos por Marina Baffini, profissionais convidados do Instituto Benjamin Constant e do Projeto de Empregabilidade da Pessoa Surda/CVI/Fiocruz. Isso só foi possível pelo entendimento de que a dimensão atitudinal já está intrínseca em nossa atuação e foi plenamente incorporada pela produtora da peça Letícia Guimarães e elenco.

---

2 <http://museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1249-temporada-de-ferias-banda-infinita-estreia-no-teatro-dulcina>.

3 Plano Museológico do Museu da Vida, p.40,2017.

## A audiodescrição e consultoria para um espetáculo dramatúrgico

A produção do recurso da audiodescrição (AD) na peça “O Problemão da Banda Infinita” aconteceu em um ambiente especialmente favorável. O projeto levou em conta a produção dos recursos de acessibilidade desde o início do processo de criação e priorizou atender as demandas dos profissionais. Desta forma, todas as etapas necessárias para a boa produção da audiodescrição foram respeitadas, resultando em um processo adequado e um consequente resultado favorável. As etapas de estudo da obra a ser descrita, planejamento, produção de roteiro, revisão de roteiro, consultoria de especialista com deficiência visual, ensaios com audiência de usuários e realização de apresentações com o recurso foram plenamente realizadas.

No caso da audiodescrição em peças teatrais, elementos presentes na obra como falas de personagens, músicas, ruídos, cheiros e reações do público devem ser preservados na medida do possível. Desse modo, a descrição dos elementos visuais deve se misturar ao conteúdo já existente, entrando nas brechas entre falas e sons importantes, tentando, na medida do possível, não se sobrepor a esses elementos, ou, em momentos específicos e fundamentais, se sobrepor o mínimo possível, para que o resultado final fique agradável e adequado para o usuário. Assim como uma boa tradução literária, a audiodescrição deve, sutilmente, cumprir o seu papel de fornecer a informação visual importante, sem porém se impor sobre a obra. É um recurso complementar à obra e não a obra em si. Desta forma, o audiodescritor deve ter entendimento e conhecimento geral a respeito da matriz artística na qual irá atuar, no caso deste projeto, o teatro, suas nomenclaturas e formas de realização, para que tenha condições de realizar seu roteiro incluindo nele informações importantes acerca do ambiente do fazer teatral e tudo que o envolve. A partir desta compreensão, deve assistir e perceber todas as nuances da proposta do autor de forma profunda, a fim de se tornar um canal assertivo e fiel entre autor e usuário.

O uso do tom de voz adequado, assim como a narração em acordo com o ritmo da peça também são de fundamental importância para a audiodescrição no teatro. Precisa atender as necessidades do amplo grupo humano que constitui as pessoas cegas e com baixa visão, sendo que neste caso o público alvo primordial era de crianças e jovens. Levando em conta este público, a narração foi feita em tom divertido, acompanhando as modulações dos personagens, trazendo para a voz do audiodescritor nuances de suspense, de alegria e de excitação, por exemplo, a partir dos variados momentos da trajetória da história da Banda Infinita. Além disso, os bonecos táteis correspondentes aos personagens, oferecidos aos usuários, complementaram de forma plena o entendimento da peça.

A consultoria deve ser executada por um profissional necessariamente cego ou com baixa visão, pois trata-se do público-alvo do recurso, apesar de sabermos que esta tecnologia beneficia também diferentes públicos. Segundo Monteiro e Fernandes (2020), o profissio-



nal consultor deve ter uma relação estreita com o roteirista que terá a responsabilidade da elaboração do roteiro mais adequado à obra proposta, muitas vezes demandando diversas trocas até a conclusão do trabalho. Os consultores estão em equidade com os roteiristas no que tange a responsabilidade e a eficácia da elaboração de um produto que atenda as especificidades do público. Corroborando com esta afirmação, Monteiro (2018), cita que as pessoas com deficiência são as maiores autoridades para validar um produto no que tange a eficácia e o atendimento às suas especificidades. Desta forma, coloca-se em prática o lema “nada sobre nós sem nós” citado pela primeira vez pelo autor James Charlton em 1993 e que tem muita força dentro da comunidade de pessoas com deficiência até os dias atuais.

Nesta perspectiva, a consultoria para a peça “O problemão da banda infinita” ocorreu em diversas etapas. A primeira delas foi assistir uma apresentação sem a inserção dos recursos de acessibilidade. Desta forma, foi possível compreender a dinâmica da dramaturgia, o vocabulário utilizado, ainda mais que trata-se de um espetáculo voltado ao público infanto-juvenil, além de conhecer os elementos cênicos, tais como objetos utilizados em cena e figurino dos personagens. Independente deste contato inicial, uma cópia em vídeo do espetáculo foi utilizada como base para eventuais dúvidas. Na sequência, após a elaboração do roteiro de audiodescrição parcial elaborado pela roteirista, o mesmo foi avaliado e revisado, sentença por sentença com a finalidade de entender se o mesmo está em condições de proporcionar a composição imagética que existe no espetáculo. O roteiro deve ser conciso, vívido e inteligível. Ao retornar as considerações da consultoria para a roteirista, a profissional deve absorver os pontos que estiver em concordância. Os que ainda promoverem algum tipo de dúvida, é solucionado através de um diálogo entre os profissionais. A partir da conclusão do roteiro, promovemos uma apresentação do espetáculo para convidados com deficiência visual. Estes convidados, independente da proximidade com o recurso, deveriam, ao final, citar suas percepções em relação a estrutura do roteiro e quaisquer outros fatores que considerassem relevante para melhorias futuras. Finalizando estas etapas, a audiodescrição já estava pronta para ser disponibilizada para o público em suas diversas apresentações. Assim, a partir da trilha sonora, sinopse do espetáculo, roteiro e informações de serviço das apresentações, a divulgação em áudio foi produzida para que pudesse ser compartilhada pelos meios digitais, tais como redes sociais digitais, site da fundação e aplicativos de trocas de mensagens.

## **A presença necessária da Língua Brasileira de Sinais**

A acessibilidade para Libras (Lei n. 10.436/2002), no teatro é algo que vem acontecendo já há alguns anos no Brasil. Eu tive a primeira experiência de estar em cena como intérprete de Libras nos palcos em 2007, mas muita coisa mudou de lá pra cá. Neste projeto junto ao Museu da Vida, na Fiocruz, onde fomos convidados para pensar a acessibilidade junto com a direção da peça e elenco, trouxe alegria, conforto e qualidade na execução do

trabalho que ficou nítida na percepção das pessoas com deficiência.

Mas alguns podem pensar: O que mudou? A resposta é simples e clara. Na peça “O Problemão da Banda Infinita, tivemos não só o estudo do texto e a criação de um roteiro para Libras, mas contamos com a consultoria de um ator surdo (Bruno Ramos), que nos acompanhou em alguns momentos para esclarecer ao elenco o que é a pessoa surda e como eles poderiam interagir com o público surdo durante as apresentações. Questões surgiram: Como as crianças surdas se identificariam com os personagens? Como os personagens podem trazer relevância para os surdos?

Bruno Ramos fez um trabalho de identificação corporal com o elenco para maior compreensão de aspectos da cultura surda. Um elemento importante foi a criação de sinais (a tradução do nome para a Libras), para cada personagem que fosse de acordo com sua presença ou características específicas em cena. Os atores se interessaram em aprender alguns sinais para interagir com a platéia e conversaram muito com os intérpretes para combinar determinadas intervenções em Libras durante a peça. Esse foi um diferencial e fez com que a acessibilidade em Libras não se portasse como um simples “apêndice” da peça. No decorrer dos ensaios e em uma de nossas visitas técnicas (FIGURA 1), conversando com a diretora da peça, deixamos claro que o intérprete de Libras é também um instrumento cênico e que pode ser usado durante as trocas afetivas e emocionais com o público.



Fig.1. Legenda: Fotografia do elenco da peça “O Problemão da Banda Infinita” com a presença da equipe do setor educativo do MV, profissional surdo Alexandre Clecius, consultor surdo Bruno Ramos e intérprete de Libras Jadson Abraão.

**Descrição da imagem:** Grupo de quatorze pessoas posa sorridente para a foto. Bem à frente está o ator que interpreta Arthur, sentado na cadeira de rodas. À sua direita, sentado no chão, está o ator que interpreta Thales e ao lado dele, de joelhos, uma moça. À esquerda de Arthur, também de joelhos está o ator que interpreta o personagem Pita. Os demais integrantes do elenco e equipe estão ao fundo, de pé, lado a lado. O grupo está no palco que tem piso de madeira e cortina alaranjada ao fundo.



Chegamos à primeira apresentação, com muitas expectativas com o público de pessoas surdas, para conhecer suas reações. As sessões foram um sucesso! Crianças e jovens surdos ficaram surpresos com os personagens realizando alguns sinais em Libras e pela interação da história com os intérpretes de Libras. Queriam perguntar, conversar, trocar com o elenco que naquele momento estava tão próximo do mundo deles! As crianças perguntaram aos intérpretes de Libras, que se revezaram na tradução durante a apresentação, se eles também eram atores. Isso deixou muito explícito que todo o trabalho construído coletivamente pensando nas adaptações em Libras para o espetáculo, além da entrega da produção e do elenco fez toda a diferença nessa experiência.

## Entram em cena: os modelos táteis

Os modelos táteis têm como objetivo possibilitar experiências sensório-motoras que possam estimular e favorecer o processo cognitivo e a elaboração de imagens mentais, para que as pessoas com deficiência visual tenham uma vivência mais significativa e completa em ambientes culturais. Por meio desta exploração sensorial o tato acessa informações de texturas, temperaturas, formas, tamanhos, consistência e peso, que auxiliam na compreensão da natureza dos objetos e na concepção de suas imagens. De acordo com JACOB (2017) “estimular essas experiências ajuda a criança a desenvolver técnicas de aprendizado tátil”.

Para o espetáculo teatral “O problemão da Banda Infinita”, foram criados oito bonecos (FIGURA 2) de tecido com as características e o figurino das personagens, representando os cinco amigos: Pati, Thales, Artur, Pita e Alan, integrantes da Banda Infinita e outras três personagens bastante curiosas que eles cruzam durante a história: a Mestra Ari, a Cobra Vevel e a Onça Pinima. Além disso, foi confeccionada a réplica da nave, que é um objeto importante na história e faz parte do cenário.

O processo de elaboração foi um trabalho em conjunto com a equipe da produção do espetáculo, do qual participaram a diretora, a cenógrafa, a figurinista e o elenco. A diretora e a figurinista forneceram desenhos do figurino e fotografias detalhadas em diferentes ângulos de cada artista/personagem com suas vestes, para que fosse possível a captação de todos os detalhes. A atriz e os atores se identificaram quanto à cor de sua pele, respeitando assim as características étnicas de cada um. Para a construção da nave a cenógrafa enviou o projeto gráfico da peça, que possui uma forma bastante peculiar. A partir do desenho foi realizada modelagem digital e impressão em PLA.

O processo também contou com a participação de profissional com deficiência visual, pois conforme BAFFINI e EMI (2017) “as adaptações não são realizadas com base em ‘achismos’. Pelo contrário, derivam de muitos diálogos e discussões com pessoas com deficiência”. Uma apresentação teatral com música, performance, história envolvente e as peças táteis, promove estímulos multissensoriais que favorecem a capacidade de relacionar as informações e vivenciar uma experiência estética rica e lúdica.



Fig.2. Legenda: Fotografia dos bonecos tateis produzidos para a peça “O Problemão da Banda Infinita”, feitos de tecido com aproximadamente 35 centímetros de altura.

**Descrição da imagem:** Fotografia dos 8 bonecos táteis com aproximadamente 35 centímetros de altura, que representam personagens da peça. Estão bem à frente da foto, de pé, os bonecos que representam a Mestra Ari, Thales, Pati, Arthur (sentado na cadeira de rodas) e a Cobra Vevel. Um pouco atrás estão Alan, Pita e a Onça Pinima.

De agosto a novembro de 2019, oferecemos treze (13) sessões acessíveis em dias de semana, no Museu da Vida (palco da Tenda da Ciência) recebemos público de 320 pessoas de instituições e escolas inclusivas recebendo escolares com deficiência visual, auditiva, física e intelectual. No Teatro Dulcina/RJ, inauguramos uma parceria e a peça foi encenada em três (3) sessões acessíveis com plateia inferior lotada (estimativa de 259 lugares). Estas sessões aconteceram em final de semana (20,27 e 28/07/19) e o público era diverso e reagiu de forma muito positiva com atenção, risadas, surpresa diante dos intérpretes de Libras que faziam parte do cenário. Tivemos a presença de um grupo de cegos adultos do Centro Municipal de Reabilitação Oscar Clark que teve a oportunidade de usar o equipamento de AD.(FIGURA 3).



Fig.3 Legenda: Público presente ao espetáculo no Teatro Dulcina/RJ.

**Descrição da imagem:** Grupo de vinte e duas pessoas sendo a maioria de pessoas cegas, posa para a foto. Estão em um teatro, na área entre a primeira fileira de poltronas e o palco. Estão de costas para o palco e sorriem felizes. Vários seguram bengalas e alguns estão com os fones da audiodescrição no pescoço. Ao fundo, no palco, há estruturas de ferro de diferentes formatos que compõem o cenário da peça O Problemão da Banda Infinita.

## Considerações Finais

Como educadores e educadoras, devemos ousar nos debruçando na elaboração de atividades que sensibilizem e explorem outras percepções e sensações oportunizando novas experiências estéticas numa visita ao museu. Provocar a emoção e a surpresa são elementos importantes na troca com o público visitante e os resultados são sempre originais e inéditos. O trabalho educativo deve partir da compreensão dos desafios de nosso tempo, estabelecendo-se como um fórum de reflexão crítica em conformidade com os pressupostos que explicitam a função social dos museus.

## Roteiro Educativo

**Título da atividade:** Peça teatral “O Problemão da Banda Infinita”.

### Objetivos:

- Oferecer formato acessível de espetáculo teatral.
- Oportunizar experiência de fruição cultural para público de pessoas surdas, cegas e com baixa visão.

**Público pretendido:** Sessões com, um mínimo, de vinte pessoas.

**Número de participantes:** Elenco com seis personagens, dois intérpretes de Libras, um profissional da audiodescrição.

**Temática trabalhada:** A matemática está em nossa vida.

**Duração da atividade:** 1h.

**Materiais utilizados:** Equipamento para audiodescrição ao vivo.

**Pessoas envolvidas:** Elenco da peça, educadoras do Serviço de Educação, Consultores para os recursos de tecnologia assistiva, profissional da audiodescrição, intérpretes de Libras.

**Possível colaboração de parceiros de outras instituições:** Profissionais do Instituto Benjamin Constant.

**Formas de registro da atividade:** Fotos, matérias no site do Museu da Vida, entrevistas com o elenco e relatório.

## Referências

BAFFINI, Marina; EMI, Lia Cazumi Yokoyama. **Materiais educativos com sentido, portanto sem privilégios.** In: AMARAL, Lilian; TOJO, Joselaine Mendes (Org.). Rede de redes: diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil. São Paulo, 2018. p.244-255. E-book. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/redederedes/artigos/nucleo3/a19.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2010.436%2C%20DE%2024%20DE%20ABRIL%20DE%202002.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20L%C3%ADngua%20Brasileira](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2010.436%2C%20DE%2024%20DE%20ABRIL%20DE%202002.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20L%C3%ADngua%20Brasileira). Acesso em: 28 out. 2020.

JACOB, Elizabeth Motta. Para além do campo da visão: materiais complementares para a educação de crianças cegas e de baixa visão. **Pensares em Revista**, São Gonçalo, RJ, n. 11, p. 122-128, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/33431/23768>. Acesso em: 28 out. 2020.

MONTEIRO, Felipe Vieira. Análise de lexias “tabus” na audiodescrição de imagens estáticas de sexo explícito no filme “A história da eternidade”. 2018. 54 f. **TCC** (Especialização em Tradução audiovisual acessível: audiodescrição) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=85501>. Acesso em: 09 set. 2020.

MONTEIRO, Felipe Vieira; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. A consultoria para um livro em multiformato no contexto educacional. **Revista Aleph**, Niterói, RJ, n. 34, jul./2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/42172/0>. Acesso em: 09 set. 2020.

PACHECO, Katia Monteiro de Benedetto; ALVES, Vera Lúcia Rodrigues. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 242-248, 2007. Disponível em: Acesso em: 09 set. 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. **Plano museológico do Museu da Vida: 2017-2021.** [Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2018. Disponível em: [http://www.museudavida.fiocruz.br/imagens/educacao/planomuseologico\\_maio\\_museudavida\\_2018.pdf](http://www.museudavida.fiocruz.br/imagens/educacao/planomuseologico_maio_museudavida_2018.pdf). Acesso: 10 out. 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Política fiocruz para a acessibilidade e inclusão das pessoas com deficiência:** proposta do Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência. [Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019]. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/politica\\_fiocruz\\_acessibilidade\\_inclusao\\_final.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/politica_fiocruz_acessibilidade_inclusao_final.pdf). Acesso: 10 out. 2020.



• • •

Educação museal e  
**Acessibilidade**